

OVERMUNDO

—
—
#música
#hits
#cultura-
popular
#gastronomia
#história
#cyberpunk
#artes-visuais

COMO FAZER
UM VIRAL

O FORRÓ
TÁ ESTOURADO!



prêmio
SESC RIO
de fomento à cultura

01

MAI.
2011

WWW.OVERMUNDO.COM.BR





Carta dos Editores

Há cinco anos, o Overmundo foi lançado com uma proposta inovadora. Um dos primeiros sites colaborativos do país, em que o próprio usuário produz o conteúdo, o Overmundo deu espaço à cena cultural de um Brasil que o Brasil não conhecia. E tornou visível a produção de artistas e grupos de música, cinema, artes plásticas, dança, literatura e outras artes, dos mais longínquos cantões do país, fora do eixo Rio-São Paulo, tradicional reduto na cobertura dos cadernos culturais dos grandes jornais. Por compreender a cultura brasileira em toda a sua diversidade, o Overmundo é capaz de construir um vasto panorama sobre a produção cultural e as manifestações populares em todo o Brasil, capaz de alcançar, pela vastidão de sua teia colaborativa, o que nenhuma equipe de jornalistas, não importa seu tamanho ou competência, jamais conseguiria.

Entre os planos descontinuados do site, estava a hipótese de que, em caso de não obter o sucesso almejado, o Overmundo teria sempre a possibilidade de se transformar em uma bela e bem apanhada revista eletrônica. Não foi preciso – já que o site ganhou rapidamente adesão popular, e a quantidade de conteúdos publicados espontaneamente por colaboradores diversos superou as mais otimistas expectativas já nas primeiras semanas. Mas, então, por que uma revista agora?

Com a consolidação do Overmundo como plataforma colaborativa, o volume de informação se tornou tão grande e se descobria tanta coisa nova, que o desafio maior passou a ser como alcançar novos públicos. Públicos que inicialmente não estariam interessados, não teriam tempo ou não teriam intimidade suficiente para desbravar aquele vasto novo mundo da diversidade cultural brasileira. Como chegar a essas pessoas? Como compartilhar com elas estas várias “descobertas”? Foi aí que uma “velha” mídia voltou à tona, e chegamos à ideia da Revista Overmundo – uma revista planejada para compor um circuito integrado de comunicação colaborativa com o site. E, para nossa alegria, fomos agraciados pelo Prêmio Sesc Rio de Fomento à Cultura na categoria novas mídias 2010, que viabilizou o desenvolvimento de um aplicativo e das seis primeiras edições.

Mas qual é então a diferença entre o site e esta revista digital? De cara, você vai ver. Mais do que uma seleção dos melhores momentos em www.overmundo.com.br, a publicação em formato editorializado traz conteúdo novo e atualizado, links para fotos e vídeos e um visual completamente diferente, voltado para a leitura em dispositivos móveis e e-readers. O espírito do Overmundo continua o mesmo, como é possível conferir nesta primeira edição. O bloco principal tem como tema a música brasileira. Não a música dos “consagrados”, mas aquela que ganha a boca do povo por meio de vídeos do YouTube espalhados como um vírus nas mídias sociais. Quem não se divertiu com as cenas do videoclipe caseiro “Minha mulher não deixa não” e sua versão pós-feminista “Minha mulher não manda em

mim”, os grandes hits do verão? Ou quem poderia prever que uma dupla de axé mineira fosse parar nos trending topics do twitter com um clipe em que faz uma coreografia para o game Street Fighter?

De repente, parece que um bando de anônimos saiu do chuveiro e resolveu cantar no YouTube. Sem querer, alguns destes caras acabaram se tornando famosos mundialmente. Outros já tinham uma carreira a zelar localmente, mas só se tornaram conhecidos fora de suas cidades por meio da internet. Há ainda aqueles que, sem tanta pretensão, buscam apenas usar todas as ferramentas possíveis, virtuais e presenciais, para criar um espaço onde não há espaço, como o pessoal de Alagoas que montou a Banquinha Popfuzz para comercializar CDs de grupos de música independente.

Em busca de novos ritmos, vamos falar do coladinho. Prepare seus ouvidos para o ritmo que estourou nas festas e rádios populares do Nordeste, uma mistura de forró, brega e sertanejo. Por sinal, em outra reportagem mostramos como Fortaleza se tornou a capital da indústria do forró eletrônico, que há duas décadas não para de emplacar seus hits, longe do domínio das gravadoras tradicionais.

Mas nem só de música vive o Overmundo e a primeira edição da nossa revista digital tem uma enorme diversidade de temas, que vai das curiosidades históricas – com a reportagem sobre a primeira presidente que o país já teve, a ex-ativista e presa política Bárbara de Alencar – aos requintes da gastronomia – com a discussão acalorada sobre as diferentes formas de comer açaí no Norte e no Sul. Acompanhe também os coletivos que estão apresentando uma nova face do cinema contemporâneo, descubra a situação crítica dos artistas que se dedicam a produzir carancas no Nordeste e faça uma visita guiada a um templo do consumo popular: o Mercado de Madureira, no Rio de Janeiro. Conheça ainda o ilustre artista que trazemos na nossa capa: Marcos Cardoso. A imagem estilizada da bandeira do Brasil, gentilmente cedida por Cardoso para a galeria visual da Revista Overmundo, foi feita com embalagens plásticas e materiais descartados como matéria-prima. E delicie-se com o *Pequeno dicionário de arquétipos de massa*, contos minimalistas de Fabio Fernandes, no espaço dedicado a textos literários inéditos.

A Revista Digital Overmundo segue sendo, ao lado do site, parte de um projeto de comunicação colaborativa, cujo principal objetivo é o de servir de canal de expressão, debate e distribuição para a produção cultural dos brasileiros e da cultura produzida por brasileiros mundo afora. Portanto, se você quiser participar deste projeto, as janelas estão abertas. Bem-vindo ao Overmundo!

Cristiane Costa
Viktor Chagas

OVERMUNDO

Pautas e sugestões de pautas para a Revista Overmundo podem ser publicadas diretamente no site Overmundo. A equipe editorial da revista está de olho nos conteúdos que circulam na rede. Quem sabe não é uma boa oportunidade para você exercer a sua veia de repórter e contar pra gente o que de bacana acontece na cena por aí, na sua cidade? ;)



OVERMUNDO

01

MAI.
2011



GOVERNO FEDERAL
Ministério da Cultura
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

prêmio
SESC RIO
de fomento à cultura



INSTITUTO OVERMUNDO

CONSELHO DIRETOR:
Hermano Vianna, Ronaldo Lemos, José Marcelo Zacchi

DIREÇÃO EXECUTIVA:
Oona Castro

COORDENAÇÃO EDITORIAL:
Viktor Chagas

COORDENAÇÃO DE TECNOLOGIA:
Felipe Vaz

COORDENAÇÃO DE ECONOMIA DA CULTURA:
Olivia Bandeira

EDITORA-CHEFE:
Cristiane Costa

EDITORES ASSISTENTES:
Viktor Chagas e Inês Nin

EDITOR DE ARTE:
Christiano Menezes

EDITOR DE TECNOLOGIA:
Felipe Vaz

FOTOGRAFIAS
Alumbramento (Divulgação), Duas Mariola (Divulgação), elbragon (@Flickr), Marcos Cardoso, Keetr (@Flickr), Pedro Félix, Pisco del Gaiso, Popfuzz (Divulgação) e Yago Gurjão.

Colaboraram para esta edição:
Fabio Fernandes (SP), Inês Nin (RJ), José Carlos Brandão (SP), Luís Osete (BA), Lygia Calil (MG), Marcelo Cabral (AL), Marcos Cardoso (RJ), PauloZab (AP), Pedro Rocha (CE), Romen Martins (SC), Saulo Pereira (RJ), Thiago Camelo (RJ), Vanessa Mendonça (PI) e muitos outros.

O projeto Revista Digital Overmundo é resultado do Prêmio SESC Rio de Fomento à Cultura na categoria Novas Mídias 2010.



OVERMUNDO

[04] Carta de Apresentação

[08] Hits do verão 2011 chegam pela rede

[10] Como fazer um viral

[14] O Forró tá estourado

[22] O onipresente Paulyinho Paixão

[30] Aqui tem Banquinha Popfuzz

[40] Canto pra quem?

[42] Overmundo em Pílulas

[44] Carrancas: a cara do São Francisco

[52] A nossa primeira presidente

[56] Vende-se...

[66] Entrevista com o Cyberpunk

[72] Pequeno Dicionário de Arquétipos de Massa

[76] Criações Coletivas

[84] Não ponham granola no meu açai...

[88] Um artista de plástico (Marcos Cardoso)

Hits do verão 2011 chegam pela rede

Ronaldo Lemos

Já ouviu falar das músicas “Minha mulher não deixa, não” e “Minha mulher não manda em mim”? São os hits dos últimos meses. Tentei contar quantas visitas cada uma tem no YouTube, mas é uma tarefa inglória. As músicas estão em tantos vídeos que, por alto, a primeira tem 20 milhões, e a segunda, cerca de 15 milhões. Vá lá ouvir que vale a pena: <<http://bit.ly/hs-CUEA>> e <<http://bit.ly/eFCCiJ>>.

Essa é só a ponta do iceberg. A versão que bombou de “Minha mulher não deixa, não” foi postada pelo recifense DJ Sandro. A partir dela surgiram inúmeras versões, caseiras ou feitas por profissionais (como os Aviões do Forró).

Foi então que a banda de brega-rock de Macaíó Los Borrachos Enamorados resolveu postar uma resposta. Se a primeira dizia “vou não, quero não, minha mulher não deixa, não”, a segunda diz “vou sim, quero sim, minha mulher não manda em mim”. Resultado: 12 milhões de visualizações no YouTube.

O fenômeno mostra que os hits de hoje surgem fora da mídia tradicional e decolam pela internet. O YouTube é o quartel-general. Os hits não são apenas músicas para “consumo” passivo. São motivo para novas recriações pela rede. As pessoas regravam os sucessos, fazem suas próprias versões e inventam respostas, que, por sua vez, se transformam em novos sucessos. É como se a cultura do remix tivesse dominado totalmente esses circuitos.

Surgem novas formas de ganhar dinheiro e oportunidades para artistas e compositores, por exemplo. Muitos já perceberam isso e colocam nas músicas divulgadas pelo YouTube frases como “pode regravar à vontade”. Sabem que, quanto mais gente fizer versões e quanto mais elas forem executadas, mais dinheiro vão receber do site. As engrenagens do sucesso estão mudando e tem muita gente bailando em festas animadas com hits da rede. Com a mulher deixando ou não.

* Publicado originalmente na Folha de S. Paulo em 31 de janeiro de 2011.





como fazer um viral

Em 24 horas, dupla mineira de axé foi para os Trending Topics do Twitter com clipe em que criam dança para o game Street Fighter

Lygia Calil

“Pra você que gosta de navegar no site / Eu vou apresentar a dança do *Street Fighter*”. Estes versos nonsense dão início a um dos hits do Carnaval de 2011, da dupla mineira de axé Mantena e JP. Em 23 horas na rede, o vídeo publicado no YouTube já tinha se tornado viral e atingiu os Trending Topics (assuntos mais comentados) no Twitter, com 2 milhões e 700 mil tweets com o link do vídeo <<http://bit.ly/hgaL6H>>.

O jogo Street Fighter faz parte da nossa infância. Jogávamos em fliperama. Eu não tinha videogame em casa, então ia com os amigos para bares que tinham fliperama. Era aquela molecada”, diz Mantena, que, na verdade, se chama Fábio e é um dos cantores/dançarinos da dupla. Já JP, abreviatura de João Paulo, tinha em Ken, um dos personagens do jogo, um ídolo da infância. “Toda criança quer se identificar com algum personagem. Eu era ele, porque era

bem branquelo e loiro. Para mim, é uma honra interpretá-lo.”

A primeira versão do vídeo foi apagada do YouTube. Na hora, houve rumores em sites especializados em games de que a Capcom, fabricante do Street Fighter, tivesse tirado o clipe do ar por conter imagens do novo jogo em 3D, que ainda nem foi lançado. “É só boato. Um dos sites que entraram em contato conosco disse que procurou a Capcom e eles disseram que não foram eles. Nem escritório no Brasil eles têm”, disse Mantena. A hipótese mais provável é de que algum hacker tenha entrado no usuário da dupla e apagado o vídeo.

Na dúvida, gravaram outro, em um cenário diferente e com outros personagens figurando, além do Ryu e Ken do original <<http://bit.ly/ewBPQh>>. “Vimos que muitos aficionados pelo jogo não gostaram, dizem que desqualificamos o jogo. Mas quem pensa assim não entende que na verdade é uma homenagem. Ainda bem que muito mais gente gosta e acha divertido”, afirmou JP, que lê todos os comentários no YouTube. Ele até tentou guardar tudo

o que foi publicado na internet sobre a música, mas o volume foi tão grande que desistiu.

Como dupla, a carreira dos mineiros – JP é de Araxá (MG) e Mantena, de Uberlândia (MG) – começou há cinco anos, como dançarinos de grupos de axé em Porto Seguro (BA). Depois de dançarem muito na Bahia e em Minas, eles se desencantaram da profissão de coreógrafos e começaram a cantar. “Dançarino é desvalorizado nos grupos. Eu cansei de ser desprezado e parei de dançar. Aí, comecei a fazer bicos como ajudante de eletricista para juntar um dinheiro para gravar um CD com o Mantena”, lembra JP.

A estratégia deu certo: a dupla conseguiu gravar o primeiro CD, fez mil cópias e três clipes, sempre contando com ajuda de amigos. Antes de lançarem o disco, a dupla teve a ideia de publicar os clipes no YouTube. Eles já tinham esse costume e têm muitos vídeos de dança publicados. “Temos vídeos postados há cinco anos que têm pouco mais de 4 mil acessos. Aí, de repente, o ‘Street Fighter’ estoura. E nem foi a faixa escolhida para ser a música de trabalho. Apostávamos em outras”, ri Mantena.



JP é o de vermelho;
Mantena, o de branco

O CD “O Som Desgovernado” ainda não foi lançado. Oito músicas do álbum, “Street Fighter” incluída, foram compostas pelo baiano Maicon Tubarão, amigo dos mineiros. Outras três são regravações. “Todas as músicas são leves, não fazemos apelação. As crianças estão curtindo muito o ‘Street Fighter’. Todas as canções também têm refrões que grudam”, afirmou Mantena, em referência ao repetitivo “Shoryuken” faz o Ken / Shoryuken faz Ryu / Eu vou lhe apresentar o Guile dando alec fu”, que após a primeira audição dificilmente sai da cabeça, como é de praxe em sucessos do axé.

Quantas duplas de axé você conhece? Aposto que nenhuma. Normalmente, dupla é sertaneja. A novidade já começa por aí. “No início, ficamos meio assim, com medo, achando que o público pudesse não aceitar. Mas fomos surpreendidos”, revela JP. Até agora, segundo eles, a fama não rendeu dinheiro. “Esta parte ainda estamos esperando [risos]. Temos fé que essa música faça a nossa carreira deslanchar para valer. É bom começar assim, já com um trabalho de sucesso”, diz JP.

Por falta de dinheiro, a produção do clipe foi bem baratinha. Os quimonos usados pela dupla foram pechinchados em uma loja de bairro. “Um quimono bom custa mais de R\$ 800. O vermelho, que normalmente é usado em jiu-jitsu, é mais de mil reais. Paguei R\$ 60 em cada um. E um detalhe: os dois eram brancos. Eu tingi um deles de vermelho em casa. Agora, tem empresa procurando o nosso empresário para patrocinar os quimonos. Chique, né?”, diverte-se Mantena, que chegou a ser professor de capoeira em Uberlândia. Já JP praticou judô por quatro anos.

O apelido Mantena vem da época da capoeira. Por ter olhos grandes e irritadiços, que facil-

mente ardem e ficam vermelhos, os colegas de esportes o apelidaram com o nome de um personagem do desenho He-Man, um dos vilões, que tem grandes olhos coloridos. “Tinha mesmo que fazer sucesso com um personagem”, ironiza JP.

A dupla só fica chateada quando fala de casas noturnas e rádios de Uberlândia, onde moram, que fecharam as portas antes do sucesso do vídeo. Durante a entrevista, uma das empresas ligou no celular de Mantena querendo montar uma parceria comercial. “Para você ver. Quando gravamos a música que na época seria a de trabalho, procurei uma rádio para quem já tinha trabalhado. Eles queriam me cobrar R\$ 10 mil para tocar a minha música. Lógico que eu não paguei. Se tivesse R\$ 10 mil, ia investir em qualquer outra coisa. Agora, correm atrás”, reclama.

Como já tinha contrato fechado para festas de Carnaval em duas cidades, a dupla nem pôde aumentar o cachê por causa do sucesso. “Tocamos todas as noites em Centralina (MG) e durante o dia em Caldas Novas (GO). Nas duas cidades, fizeram a maior propaganda, viramos a atração principal. Também teve um convite para o camarote de uma emissora de TV em Salvador. Só dá certo se formos de helicóptero, como o Ken no jogo”, ri JP.

Na história do “Street Fighter”, dois garotos viajam o mundo para enfrentarem os maiores lutadores, bancados por um deles (Ken), que tem muito dinheiro e um helicóptero. “No jogo, eles passeiam pelo mundo. Na vida real, nossa música está passeando. Temos amigos que moram em outros países que já disseram que a música está bombando por lá. Nosso clipe foi capa de 11 sites estrangeiros. Não poderíamos estar mais felizes. Só falta agora o dinheiro igual ao do Ken para eu ser ele”, brinca JP.



o forró tá estourado

Fortaleza é a capital de uma indústria fonográfica que surgiu há duas décadas e não parou mais de emplacar seus hits

Pedro Rocha



Da rua Heróis do Acre nº 500, no bairro do Passaré, em Fortaleza, saíram os maiores sucessos do mundo do forró nas últimas duas décadas. O prédio, que já abrigou a SomZoom, produtora fundada no final da década de 1980 pioneira no mercado, hoje é o endereço da gigante A3 Entretenimento. Dona de bandas como Solteirões do Forró, Forró dos Plays, Forró do Muído e, seu carro-chefe, Aviões do Forró, a A3 é uma espécie de sucessora do império construído por Emanuel Gurgel, o empresário cearense que há aproximadamente 20 anos deu o pontapé inicial para a criação da indústria do forró.

Depois de uma década de poderio, a SomZoom, empresa criada por Gurgel, teve seus negócios reduzidos drasticamente e sua sede transportada para uma velha garagem de ônibus. Enquanto isso, a alguns quarteirões, a A3 comprou a antiga sede, estabelecendo ali o QG de uma máquina extremamente eficiente, comandada por alguns dos mais experientes nomes do mercado forrozeiro.

Entre eles, Carlos Aristides, um jovem empresário de conversa fácil, especialista na seleção do repertório das várias bandas da A3.

“Eu fui criado dentro de festa, dentro de forró”, diz Carlos em sua sala, na sede da empresa. Filho de Zequinha Aristides, veterano no mercado forrozeiro e também um dos nomes importantes da A3, Carlinhos, como é chamado pelas pessoas do meio, começou cedo no ramo. O pai, que entrou no mercado como dono de casas de show, seguiu a estratégia inevitável de mercado e estendeu seus braços por outros ramos da cadeia produtiva, como a criação de bandas. A principal delas, a Caviar com Rapadura, ficou sob a administração de Carlinhos, então com 17 anos.

Com apurado tino para as preferências do público, Carlos partiu para seus próprios investimentos logo depois, com a criação da banda Ferro na Boneca e a sociedade em outra casa de show, o Cantinho do Céu. Enquanto isso, formatava em sua cabeça o que seria um dos maiores estouros do mercado forrozeiro. Uma banda que conjugasse elementos pinçados com a precisão técnica de quem, além de empresário, adorava mexer com aparelhagem de som e conhecia como poucos a sonoridade do forró.

O primeiro show deste projeto aconteceu em 2003, no próprio Cantinho do Céu, e contou com a assiduidade do público do espaço para se alavancar. Carlos conta que o impacto depois da apresentação fez os forrozeiros deixarem o local se perguntando: “Rapaz, o que é isso, que projeto é esse, que banda é essa?”. A receita havia dado certo. Uma desacelerada na batida do vanerão – ritmo gaúcho que estava estourado na época com a banda Brásas do Forró –, a substituição da sanfona como instrumento principal por um maior destaque à bateria e aos metais e a importação do baixo do pagode do Harmonia do Samba haviam dado forma ao Aviões do Forró.

“Se você prestar atenção, é muito difícil hoje ver alguém dançando agarrado. As pessoas gostam de tá ali, curtindo realmente, como se fosse qualquer outro ritmo. Eu peguei o ritmo dos Brásas, dei uma cadenciada nele, juntei outras peças, como foi o metal, a guitarra, e comecei a mudar algumas levadas”, explica Carlos. “Ficou um negócio muito suingado, entendeu? Quando juntei tudo, a essência foi fantástica.”

O pioneiro Emanuel Gurgel hoje mora em uma fazenda de 10 mil hectares em Pentecoste (89 km de Fortaleza), patrimônio acumulado com as bandas de forró. O empresário deixou a administração da SomZoom para os filhos, enquanto se dedica ao último desafio de sua vida: provar que fazenda é um empreendimento sustentável. Mesmo assim, não abre mão das decisões mais importantes sobre o Mastruz com Leite, a banda que deu início a tudo. “Só quem tira e bota funcionário no Mastruz é o meu pai”, diz Rebeca, 23, uma das filhas que trabalham hoje na empresa.

No final da década de 1980, no tempo em que as ecléticas bandas de baile e as aparelhagens de som mecânico dominavam o mercado do entretenimento em Fortaleza, Gurgel percebeu que as pessoas gostavam muito de dançar na meia-hora reservada ao forró nas festas em que frequentava. Decidiu juntar os instrumentos eletrificados e, a contragosto dos próprios músicos, formou uma banda dedicada ao estilo.

Um verdadeiro “império do forró” foi construído a partir da banda que ainda leva o nome da mistura medicinal, inspirado em um time de handebol de praia homônimo. “Isso dá direitinho pra uma banda de forró”, pensou Emanuel, então professor de educação física. Acrescida de contrabaixo, guitarra e teclado, a receita sertaneja se transformou no símbolo de uma revolução no tradicional ritmo nordestino e na indústria fonográfica.

No mais, foi concretizar sua aposta de fazer o forró em todos os lugares, ao contrário do preconceito que relacionava o estilo musical ao “povão”. Um bombardeio midiático com inserções do Mastruz com Leite compradas em rádios e em aparelhagens de som foi o plano. As composições de Rita de Cássia na voz da cantora Kátia Cilene entraram para o panteão dos clássicos do forró, ainda hoje são lembradas por forrozeiros veteranos e animam festas como a Forró das Antigas, promovida periodicamente pela própria SomZoom.

Hoje, o ex-funcionário de uma universidade, que também foi juiz de futebol, presidente do Ceará Sporting Clube e empresário do ramo de confecções, dorme com o orgulho de ter feito um dos maiores estouros que o mercado fonográfico da região já viu. “Eu sempre tratei música como mercadoria de prateleira. Música é uma mercadoria. Eu vou provar para você. Toca o Mastruz com Leite na rádio, eu vou vender show, direito autoral, vou vender fonograma, vou fazer mais shows. A música em si é um comercial. Mas a maior sacada de todas elas é botar o nome da banda no meio da música”, diz Emanuel Gurgel, que atualmente aposta no briquet, bloco cilíndrico e composto por resíduos de madeira, como o novo hit, eficiente e ecológico, da produção de energia na atividade agrícola.

O pulo do gato

“Bora Brandãozim, Dudu Confiança, Rosa Almir, Batata! Bora Deco Doido!”, instiga no palco Xand Avião, vocalista dos Aviões do Forró. O comercial de Emanuel Gurgel, que consistia no vocalista aproveitar algum intervalo da música para sapecar o nome da banda em execução, não só se estabeleceu como uma das maiores marcas da banda (inclusive para se diferenciar de repertórios siameses), como se radicalizou ao longo desses anos. A afirmação de que a música é um comercial em si nun-

ca fez tanto sentido quanto nas apresentações dos Aviões do Forró e os reclames de Xand durante os shows.

As gravações ao vivo reproduzem em profusão os “alôs” que Xand manda durante as músicas, saudações que se destinam a pessoas jurídicas – de gráficas rápidas a autopeças, que negociam diretamente com o vocalista uma série de inserções em seus shows – ou físicas, ilustres conhecidas do cantor, como o onipresente Isaías CDs. Ao lado de Carlos Aristides, Isaías é o outro nome forte da A3 e carrega na alcunha a ideia que provocou uma segunda revolução no mercado forrozeiro, responsável em grande parte pela substituição do proprietário do endereço na rua Heróis do Acre.

Foi Isaías quem sugeriu a estratégia que seria o pulo do gato da A3. Em 2003, quando os Aviões chegaram ao mercado, a internet começava a dar uma ideia de como o transformaria, mas ainda não ditava as regras. Um paradoxo confundia os caminhos do sucesso. As rádios só tocavam as bandas das gravadoras, ao passo que o preço (em média, R\$ 30), inviabilizava a compra do CD pelo público. “As bandas de forró, antigamente, quando entravam nas gravadoras, em vez de crescer, caíam”, lembra Carlos.

“Nós vamos divulgar o nosso material na rua, diretamente nas pessoas, e a rádio vai ser forçada a tocar”, vaticinou Isaías. A estratégia fazia sentido. Com o barateamento da mídia virgem e as facilidades na reprodução, a distribuição do CD como estratégia de marketing era um caminho possível. “Quando a gente lançou o CD, deu uma semana, as rádios ligaram atrás das músicas”, lembra Carlos. Diante da enxurrada de pedidos para uma música que sequer integrava a playlist da rádio, as estações eram obrigadas a correr atrás e atender a demanda. “A gente partiu na frente e hoje é uma coisa que está sendo copiada por todos, pelo sertanejo, pelo axé...”, orgulha-se.



Era o início das transformações que a internet e as novas mídias iriam engendrar no mercado fonográfico, encontrando na indústria popular e massiva do forró uma de suas melhores respostas, mesmo que Carlos ainda considere parcos os rearranjos do mercado. “A internet mudou completamente. Até hoje ninguém do nosso segmento conseguiu realmente se adequar a ela. É um negócio muito rápido”. O ritmo passou a ser determinado pela velocidade da rede mundial de computadores, que afetou, entre outros fatores, a quantidade de discos lançados no ano e, conseqüentemente, a renovação do repertório.

Concorrência dos chineses

O império criado por Emanuel Gurgel com a SomZoom, numa cadeia produtiva que concentrava desde editora para registrar as músicas até uma centena de rádios, passando por casas de shows e dezenas de bandas, ruiu no fim da década de 1990 defronte um novo e incontornável fato: a pirataria. Quando o empresário percebeu que seus lançamentos estavam em poucos dias à venda em versões piratas na Feira de Caruaru, concluiu que a voracidade replicante dos “chineses” iria engolir seu patrimônio em poucos anos. O maior vendedor de CDs da região, com cifras que chegavam a 300 mil cópias vendidas por mês, ainda tentou acelerar o ritmo dos lançamentos, mas sucumbiu à velocidade da pirataria, reduziu sua folha de pagamento de mais de 500 funcionários para uma centena deles e desmantelou boa parte da estrutura da outrora toda poderosa do mercado.

Antes, o normal era se lançar um CD por ano. Nada mais obsoleto. Hoje, segundo Carlos Aristides, são no mínimo quatro discos, um a cada três meses, cada qual com 15 músicas inéditas em média. Isso explica o incansável anúncio de repertório novo na divulgação de shows, das constantes gravações de novos CDs ao vivo, assim como as centenas de mensagens

postadas nos tópicos destinados às sugestões de repertório nas comunidades das bandas no Orkut. O público, por sinal, é um dos grandes responsáveis por essa incessante atualização de informações e registros em áudio e vídeo. É prática comum entre os que acompanham o meio a postagem e o download da gravação do show que a banda de sua predileção fez em alguma cidade do interior do país ou mesmo de uma apresentação ao lado da sua casa na qual você infelizmente não pode comparecer.

“Hoje eu acompanho muito mais a internet do que as próprias festas”, revela Carlos. Em seu escritório, revezando-se entre seus iMac, iPhone e iPad, Carlos capta as frequências sísmicas do que pode abalar o mercado nas próximas semanas. Atento às mais pedidas das rádios do Brasil e do mundo nos diversos estilos, consultando as sugestões nas comunidades das redes sociais, ele ainda recebe periodicamente cada um dos membros de seu elenco permanente de compositores, a exemplo do potiguar Dorgival Dantas, autor de alguns dos maiores sucessos já gravados pelos Aviões do Forró, cantor que ganhou projeção com o sucesso da banda de forró e que hoje é um dos compositores que mais arrecadam com direitos autorais no país.

No intervalo dessas atividades, Carlos arranja tempo para receber músicos e compositores desconhecidos, empenhados na árdua atividade do garimpo midiático, tomados pela esperança na ascensão repentina do sucesso, que lança principiantes a alturas cada vez mais inesperadas. Na semana anterior a nossa conversa, uma delas havia adentrado sua sala, trazendo a mão o que prometia ser a nova pedra filosofal do forró mundial. Fatinha Marques apresentou a letra de “Bad Boy do Carrão” e o clipe, já disponível no YouTube, com mais de 30 mil visualizações. Carlos não gostou da música, dispensou Fatinha, mas sabe o risco que está correndo. Ao ser perguntado sobre um possível sucesso da cantora, natural de Crateús

(350 km de Fortaleza), ele responde: “Sei lá, rapaz, depois da internet...”

O preço do sucesso

“O forró hoje passou a ser consumido mais ligeiro. Uma música é sucesso hoje, daqui a um mês não é mais. Uma música que poderia ter seis meses de vida útil, hoje só tem um. Tem muito material no meio da rua, ela toca muito e cansa”, comenta Karlúcio Lima, 40, empresário com cerca de 20 anos de experiência. O empresário, que começou frequentando as aparelhagens de som que prefiguraram a onda do forró eletrônico e já foi dono de bandas como a Canários do Reino, lamenta um tanto essa velocidade e queixa-se das estratégias que deixaram o mercado cada vez mais refém do capital.

A distribuição de CDs, na opinião de Karlúcio, fez com que as bandas pequenas fossem engolidas pelas maiores, que gravam músicas alheias nos shows ao vivo e distribuem milhares de CDs, pagando a posteriori algum valor cobrado pelo uso indevido da composição, de qualquer forma irrisório se comparado ao faturado. “Daqui que o pessoal que fez a música corra atrás, a banda já estourou e ganhou o dinheiro todo”, fala Karlúcio. Calcula-se que uma banda estourada no mercado forrozeiro chegue a faturar R\$ 2 milhões por mês.

Dono da banda Forró na Veia atualmente, Karlúcio investe numa receita diferente para galgar o topo das paradas: uma banda com três vocalistas femininas. “É o produto mais diferente que existe no Nordeste, porque é uma banda que não tem cantor, são três mulheres cantando e dançando em cima do palco. Três mulheres bonitas, jovens e que fazem a diferença. A minha ideia foi fazer um produto totalmente diferente. Se der certo, daqui que esse pessoal grande faça o mesmo, vai custar”, aposta.

De fato, na pesquisa para esta reportagem não

se encontrou no mercado produto similar ao Forró na Veia. O mais próximo a que se chegou foi o Forró do Muído, com duas vocalistas, as irmãs Simaria e Simone. A banda faz parte do casting da A3 Entretenimento, com grande inserção no mercado local, uma das três maiores bandas do momento, ao lado dos Aviões do Forró e Garota Safada. A assessora de imprensa da banda revela, por exemplo, que os dias que antecedem as gravações dos programas da TV Diário, emissora local, sua caixa de e-mail é tomada por mensagens com chantagens sentimentais, fãs dizendo que estão tomando Rivotril, que a vida não faz mais sentido, mas que as coisas mudariam de feição caso ela conseguisse um convite para a gravação do Forrobodó, ou do João Inácio Show, ou do Programa Ênio Carlos, ou do Sábado Alegre, ou de outro dos tantos programas da TV Diário, um dos principais braços da rede de divulgação do forró.

As diferentes roupagens das bandas são uma das estratégias para atrair os mais diversos públicos, como é o caso das quatro principais bandas da A3. Uma pessoa menos familiarizada pode ingenuamente confundir o Forró dos Plays com uma banda de axé ou encontrar nos Solteirões do Forró justamente aquele levada do vanerão que Carlos Aristides desacelerou para formar o estilo dos Aviões. “Hoje não existe mais o ritmo forró, o ritmo axé... Hoje é a mesma música com levadas diferentes”, conclui Carlos. Não por acaso, hits como “Fugidinha”, de Michel Teló, estão hoje em praticamente todos os repertórios de forró, ou que há muito tempo as versões traduzidas de músicas internacionais são um dos caminhos mais percorridos até as “Dez Mais” das rádios no país.

Emanuel Gurgel lembra que o primeiro CD do Mastruz com Leite foi feito com música sertaneja: “Não tinha compositor pra gravar, não tinha música. Todo mundo tinha vergonha de forró. Era música de favela, de baixo

meretrício, de cabaré, de gafeira.” E, de olho na evolução que o forró percorreu nos últimos anos, dispara: “É tudo uma cópia. Até o que eu fiz foi cópia. Cópia de João Bandeia e Paulo Ney. Pra você ter uma ideia, Brasas do Forró é uma cópia de Novinho da Paraíba, que por sua vez é uma cópia do Rio Grande do Sul, que é o vanerão. Hoje o que os Aviões do Forró tocam é um vanerão. Na realidade, foi aproveitado o ritmo de muitos lugares. O Mastruz, por exemplo, transformou os carimbós do Pin-duca tudo em forró.”

As referências são intermináveis. Fato é que o forró ganha cada vez mais espaço na mídia nacional, com participação em trilhas sonoras de novela, em programas de TV e com shows

em regiões onde antes pouco se tocava. Em fevereiro, a Garota Safada aportou novamente no Faustão e os Aviões do Forró desembarcaram na Europa para shows em Portugal, Suíça e Holanda.

Nem assim Emanuel Gurgel se deixa impressionar. Sentando em um banco na varanda de sua casa, com vista para seus empregados no manejo da fazenda, já longe da lida com o mercado musical, cultivando cabelos longos e barba, num visual próximo ao de um headbanger, ele fala sobre o sucesso de uma indústria que praticamente inventou: “Foi até menos do que eu esperava. Eu imaginava que ia invadir o mundo com o Mastruz. O forró não invadiu ainda o mundo, porque ele ainda é menosprezado”.





o onipresente Rei do Coladinho

O piauiense Paulynho Paixão virou febre depois de estourar nos forrós e rádios populares do Nordeste com um misto de forró, brega e sertanejo

Vanessa Mendonça

Em shows, festas particulares, carros de som, propagandas em rádio e até como toques de telefone celular. Hoje, a música de Francisco de Paula Moura parece onipresente. Chamando assim, pelo nome de batismo, nem parece um astro da música romântica. Francisco de Paula Moura é o cantor e compositor Paulynho Paixão, o “Rei do Coladinho”.

Febre no Nordeste, suas canções estão entre as mais pedidas nas rádios e são tocadas hoje

pelas bandas de forró mais populares do país. Nesse segmento é comum que os repertórios das bandas “coincidam” já que a maior parte dos grupos de forró executa hits “da concorrência” em seus shows. Para isso, é preciso que a música em questão seja um grande sucesso. E, como se diz no jargão musical, Paulynho Paixão está “estourado”.

Menino criado na roça, mais precisamente na Fazenda São Luís, zona rural de São Miguel

da Baixa Grande, interior do Piauí – a 138 km da capital Teresina, Francisco passou a infância escutando programas de música sertaneja em um radinho de pilha. Os populares Alvorada Sertaneja, na Rádio Nacional de Brasília, e Programa do Roque Moreira, na Rádio Pioneira, de Teresina, eram suas companhias mais frequentes durante o trabalho no campo e também nas horas vagas.

“Sem entender nada de música eu já gostava. Como as crianças hoje gostam da nossa música, eu gostava de Zezé di Camargo e Luciano. Ouvia muito sertanejo enquanto tirava leite de vaca. Coisa bem fazenda mesmo”, lembra Paulyinho Paixão, que não se faz de modesto ao comparar a sua trajetória de vida à de seu ídolo Zezé. “Na roça não se tem muita diversão. As poucas vizinhas que a gente tinha queriam saber dos boyzinhos da cidade. Ouvir e fazer música eram minhas grandes diversões”, conta.

Paulyinho começou a compor ainda criança. Nunca havia estudado música, não sabia tocar qualquer instrumento, não conhecia notas musicais ou cifras. Apenas escrevia versos rimados inspirados no dia a dia. A melodia surgia “naturalmente”. “Era de ouvido, coisa de dom mesmo. Ninguém explica; a gente atribui isso a Deus”, conta o compositor de aproximadamente mil canções, segundo suas próprias contas.

Romântico nato, Paulyinho afirma que 90% de suas letras falam de amor. “As meninas tinham diários. Eu fazia músicas contando histórias da vida e acho que por isso as pessoas se identificam. Cada fora e cada sim que eu levei inspirou muito essa coisa do romance, do amor nas minhas músicas”, confessa.

Ainda criança, nas festinhas nas redondezas da Fazenda São Luís e mesmo na cidade, Paulyinho passou a “se convidar” para cantar. “Quando eu via o pessoal tocando em bar, aquela coisa de ‘vocalista-tecladista’, eu pe-

dia para tocar. Ninguém dava muita confiança, mas deixavam. Fui tomando gosto”, conta. Nessas brincadeiras despretensiosas teve início a ideia fixa de Francisco de Paula Moura se tornar músico profissional.

Em busca do sonho

Paulyinho Paixão compara bastante sua trajetória à do milionário astro do sertanejo Zezé di Camargo. Ambos são filhos de agricultores, criados na roça, apaixonados por música desde cedo, donos de vozes agudas e determinados.

Ainda adolescente, Paulyinho mudou-se com seus pais para a capital Teresina. A família buscava melhores condições de vida e a oportunidade de os seis filhos continuarem os estudos. “Toda criança que nasce no mato tem aquela vontade de ir para a cidade”. Não demorou muito tempo e Paulyinho foi para Fortaleza, no Ceará, já com o plano de viver de música em mente.

Em 1992 o destino uniu mais uma vez as trajetórias de Paulyinho e seu ídolo. Em um programa de calouros da TVC, emissora de TV de Fortaleza, o piauiense apresentou-se na presença de José Graião, produtor musical que tinha em seu casting a dupla Zezé di Camargo e Luciano.

“Fui para Fortaleza estudar e ajudar na casa de um pessoal que conheci em Teresina. Eles tinham contatos e eu comecei a conviver com músicos. Sempre fui muito tímido, mas eu sabia que era naquele momento ou nunca”, diz, com a propriedade de quem sofreu muito até se dar bem no meio musical.

Mas o encontro com Graião não foi o divisor de águas na carreira do garoto sonhador. Depois de quatro anos “fazendo música” na capital cearense, Paulyinho recebeu um convite para tocar em São Paulo. A história parece comum: um amigo soube de uma vaga para vocalista em uma banca de forró em São Paulo e sugeriu o

nome do ainda Paulinho – sem “y”. O incomum na história do menino de São Miguel da Baixa Grande foi o teste, feito por telefone por um produtor musical paraibano radicado no Sudeste. Aprovado, recebeu passagens de avião para seguir de Fortaleza a São Paulo.

Sem nunca ter viajado em aeronave alguma, o cantor e compositor superou o medo e embarcou naquilo que à época era sinônimo de sucesso, afinal, “andar de avião não era para qualquer um”. Prenúncio de que São Paulo lhe renderia bons frutos? Paulyinho achava que sim.

O piauiense tornou-se vocalista da banda Swyng do Nordeste, que tocava em uma casa de shows para nordestinos no bairro, tradicionalmente japonês, da Liberdade. “Foi quando conheci a Silmara [hoje vocalista da banda Forró do Muído e uma das principais responsáveis pelo “estouro” de Paulyinho. Cantávamos das 11h da noite às 4h da manhã. Eu morava em Santo André, no camarim de outra casa de shows do Chico, dono da banda. Pegava ôni-bus, metrô, trem e trolley para chegar”, relata.

Durante os quatro anos em que esteve na banda, Paulyinho nunca deixou de compor. Mas não conseguia convencer seu empresário a deixá-lo cantar músicas próprias nos shows. “Saí da banda. Silmara e a irmã dela, Simone, foram tocar com Frank Aguiar, piauiense que já fazia sucesso como cantor de forró, naquele estilo ‘cantor-tecladista’ que Paulyinho admirava em São Miguel da Baixa Grande. Gravei tanto CD que nem lembro mais. Copiava e não lançava. Aí entrei em outro grupo, chamado ‘Delma & Paulinho – Forró Paixão’”, lembra o cantor, que até então continuava “Paulinho”, sem “y”.

O projeto profissional com Delma logo virou namoro. Após quatro anos de relacionamento, o casal e a dupla se desfizeram. “Nem sei por onde ela anda”, conta Paulyinho, sem rancor ou arrependimento. O cantor voltou para o Piauí já com algum dinheiro economizado em São

Paulo. “Voltei para recarregar as baterias, dar uma parada. Havia acabado o namoro, o projeto. Vim ver minha mãe, que mora até hoje em São Miguel da Baixa Grande [no Piauí]”, conta.

O “y”

Naquele momento, já início da década de 2000, a história se repete: um amigo conhecido no meio musical o convida para integrar um projeto em Tocantins. Paulyinho não perde tempo e muda-se para Palmas. É em Tocantins que Paulinho se torna Paulyinho, com “y”.

Contratado para cantar em uma casa de shows de Palmas, o piauiense recebe um calote. Desesperado, pede a ajuda a Deus, martiriza-se por “não conseguir vencer” na música. Em meio a suas orações, um anel de metal com a inscrição “JESUS”, em letras maiúsculas, bate no sapato de Paulyinho. Bastante religioso, o cantor, já sem muitas esperanças, coloca o anel no dedo anelar da mão esquerda, de onde nunca mais o retirou.

Paulyinho encara a passagem como um sinal de que momentos prósperos estavam por vir. Como tudo em sua vida rende uma música, Paulyinho escreveu “Salvador”, que conta a história de um cantor que, após muitas dificuldades, arrasta multidões. “Depois eu peguei um cartaz da época de Delma & Paulinho e vi só o lado direito. Li, de cima para baixo ‘Paulinho Paixão’. Foi aí que virei Paulyinho – com o ‘y’ para chamar atenção – Paixão”, lembra.

Pouco tempo depois Silmara, que tocou com Paulyinho na banda Swyng do Nordeste, foi convidada pelo grupo A3 Entretenimento (o mesmo que agencia a Aviões do Forró, mais rentável banda de forró do país na atualidade) para ser vocalista do grupo Forró do Muído, com sua irmã Simone.

As duas chegaram a gravar dois CDs como dupla. Nesses CDs gravaram músicas do amigo



Paulynho ajuda a família financeiramente e é dono de um Audi e um Golf “completo, com todos os acessórios de fábrica”

Paulynho Paixão. Essas gravações foram apresentadas aos produtores da A3, que se interessaram pelas composições do piauiense. “Silmara me ligou dizendo que queriam músicas minhas. Fui falar com ele [o produtor da A3], separei material e deixei muitas músicas. Ele inclusive me adiantou um dinheiro. Silmara me ajudou muito, como eu também a ajudei no início”, lembra Paulynho.

O sucesso bate à porta

Apesar de toda essa trajetória de dificuldades, para o grande público a carreira de Paulynho Paixão começou no final de 2009, quando a música “Me acha” virou o maior sucesso da banda Aviões do Forró. Naquela época, Paulynho gravou o primeiro CD com composições próprias que fizeram sucesso com outros intérpretes. “Me acha” era uma delas.

Com um trabalho sério de divulgação iniciado por uma produtora piauiense, a Midas Produções, Paulynho passou a ser a identidade de suas letras. O público soube, por exemplo, que “Cabou, cabou”, gravada por Forró do Muído – banda já bem-sucedida –, era composição de Paulynho Paixão. O mesmo aconteceu com “Sofro, bebo e choro por você”, de Léo Magalhães, astro da nova geração de cantores sertanejos, e das também gravadas por Aviões do Forró “Eu Amo Você”, “Será” e “Quero você, Tatá”.

Mas o maior sucesso de Paulynho é ainda “Me acha”. A música diz “me acha, me acha / se você me quer agora, então me acha” e trata de um homem apaixonado que foi rejeitado por sua amada e que agora resiste às investidas dela.

Apesar da história romântica, a canção foi feita a partir de um desafio de Benoni Júnior, um dos proprietários da Midas, já empresário de Paulynho. “Ele queria que eu fizesse uma música com o nome da lancha dele, que é “Me acha”. E eu fiz. Graças a Deus, é esse sucesso

todo, cantada por todas as bandas”, explica.

Até ser reconhecido como compositor de sucesso, Paulynho passou por mentiroso diversas vezes. “Fui abrir um show de Léo Magalhães em Castelo do Piauí. A cada música que eu cantava, eu dizia: ‘essa é nossa e está estourada’, ‘mais uma da gente’. No chão havia um cara da nossa equipe e uma pessoa do público virou pra ele e disse: ‘rapaz, esse baixinho mente demais’”, conta Paulynho, que preferiu levar o episódio – e tantos outros semelhantes, na esportiva.

Paulynho diz não ter tempo de “notificar” o seu sucesso. “Tudo foi acontecendo naturalmente. Não sei exatamente quando as coisas aconteceram. Isso é bom também para a gente não se deslumbrar porque a gente não fica se prendendo às coisas, ao sucesso”, afirma.

Com o tempo, Paulynho aprendeu a tocar violão e faz shows com aproximadamente duas horas de duração, sempre lotados, com repertório próprio. “A gente faz shows e vejo todo mundo cantando todas as nossas músicas. Quando eu lembro que sonhava em ter ao menos uma música cantada no meu show pela galera... acho que de tanto eu pedir a Deus, ele cansou e me deu esse presente”, brinca.

Uma marca lucrativa

Apesar de a qualidade de sua música ser questionada por vários artistas e por públicos ditos mais “cults”, Paulynho é unanimidade entre o povão e caiu no gosto até de “patricinhas e playboyzinhos”. No início de janeiro de 2011 uma apresentação sua lotou uma das casas de shows mais caras de Teresina, cujos frequentadores são, em geral, rapazes com carros possantes e moças sempre impecavelmente arrumadas.

Após quase 15 anos tentando “emplacar” músicas nas rádios e passagens mal-sucedidas por quatro bandas, Paulynho Paixão é hoje

uma marca bastante rentável. Seu cachê subiu 1000% em um ano e meio – ele não revela valores, mas sabe-se que em meados de 2009 um show seu custava aproximadamente R\$ 800.

A equipe que viaja acompanhando Paulynho em suas apresentações é formada por 17 pessoas – músicos, dançarinos, equipe de som. Essas viagens acontecem em um ônibus super-luxo cujo preço estimado é de R\$ 200 mil. Paulynho ajuda a família financeiramente e é dono de um Audi e um Golf “completo, com todos os acessórios de fábrica”.

Paulynho já fez shows em todo o Piauí, várias cidades de Tocantins, Bahia, Maranhão e até em Brasília, que possui uma das maiores colônias piauienses do Brasil. Em novembro de 2010, o Rei do Coladinho chegou a fazer 41 shows. “Havia empresário comprando três shows em uma noite. Hoje a gente não aceita mais isso. Os empresários só pensam em dinheiro, não se preocupam com o público, com a qualidade do show. Chegamos a entrar no palco quatro horas da manhã. O público que fica a madrugada toda esperando se chateia. Não é porque a gente está estourado e todo mundo quer comprar que a gente aceita isso”, justifica.

Entre CDs promocionais distribuídos, pirateados e vendidos, a Midas Produções estima que haja cerca de 1 milhão de CDs de Paulynho Paixão circulando. “Nosso último CD [Paulynho Paixão, O Rei do Coladinho, Vol. 2] é o mais vendido e copiado do Nordeste”, declara. Se há receita para fazer músicas de sucesso? “Para contar uma história em um livro você tem muito espaço. Música é diferente; você tem de resumir em poucas linhas e passar uma história para que as pessoas entendam”, responde.

Rei do Coladinho

O telefone celular de Michelle Magalhães começa a tocar. A música que inicia em volume

baixinho vai se tornando mais reconhecível. É a versão original de Paulynho Paixão para “Me Acha”. A estudante de Direito deixa o telefone tocando enquanto canta e dança o maior sucesso do Rei do Coladinho. Desde que mudou o toque de seu celular Michelle tem perdido muitas ligações por conta disso: canta e dança até a ligação cair.

Michelle e suas amigas Aline e Raíssa fazem parte da legião de fãs de Paulynho Paixão. Tem CDs, toques de celulares, músicas baixadas em seus computadores, frequentam seus shows. “Ele consegue colocar nas músicas muito sentimento. As pessoas se identificam, acho que isso é o que garante o sucesso dele”, tenta explicar Michelle, que não só tem CDs de Paulynho Paixão como já deu alguns de presente a familiares do Maranhão “para que disseminem a música dele por lá”.

Fãs tão fieis são o orgulho do menino de São Miguel da Baixa Grande que sonhou em ser astro, mesmo que ele não ganhe dinheiro diretamente. “Você imagina ter gente que tem a nossa música como toque de celular. O que eu penso sobre isso? Eu acho legal, cara. Eu não me preocupo com essas coisas de direitos autorais. Disso, o Ecad toma conta. Assim como quando estou em um lugar e chega um menino vendendo meu CD [pirata] eu não me incomodo. Sei que se ele está fazendo aquilo é porque precisa. Fico feliz em poder ajudar de alguma forma”, analisa, com a sensibilidade de quem já passou por muitas dificuldades financeiras.

Mas, afinal, qual o segredo do “coladinho”? “Coladinho é a música dos apaixonados. E é por isso que o rei do coladinho só pode ser Paulynho Paixão”. A resposta soa óbvia na boca de Paulynho. Coladinho, ainda segundo seu criador e majestade, é algo entre o brega, o forró e o sertanejo, mas, acima de tudo, é uma música romântica, para ser dançada, ora, “coladinho com a pessoa amada”.

Os próximos passos do Rei do Coladinho? Lançar seu primeiro DVD, gravado no dia 18 de dezembro com lotação máxima da maior casa de shows do Piauí, e divulgar sua música com mais intensidade em outros estados. “Vou continuar

compondo, levando alegria para o povo. Está nas mãos de Deus. Não sou mais nem menos que ninguém. Graças a Deus tenho a sorte de ter um nome. A diferença é só o nome, a música. Agora é lutar pra estourar no resto do Brasil”, profetiza.

“Agora é lutar
pra estourar
no resto
do Brasil”





aqui tem banquinha Popfuzz

Grupo de jovens empreendedores culturais inventa um jeito de driblar as dificuldades para distribuição de discos independentes em Alagoas

Marcelo Cabral

Entre os tantos desafios encontrados por artistas independentes de todo o país, um dos maiores problemas é, sem dúvida, a distribuição de suas obras. Ok, hoje em dia, já é possível gravar um bom disco em um estúdio caseiro. Disco gravado, capa pronta, trâmite burocrático, fábrica, e pimba! CD na mão! Tudo pronto, show de lançamento na sua cidade, maravilha, mas ... e depois? Como vender seu disco? Como fazê-lo chegar aos ouvidos das pessoas?

Disponibilizar na internet é uma opção, claro, mas ainda é necessário vender discos nos shows do próprio artista e em outros espaços, para repor os custos de produção. Além disso, mais

pessoas do que os *downloaders* de plantão possam imaginar ainda gostam de ter o disco original, ler o encarte, admirar a arte da capa, e valorizar o artista que compôs e produziu aquilo. Já para o autor, pode ser fundamental vender estes produtos para dar sustentabilidade ao seu projeto musical e ampliar seu público.

Enquanto isso, em Maceió...

No artigo “Aqui não tem mais loja de discos”, publicado no Overmundo em 28 de setembro de 2006, escrevi sobre como todas as lojas de discos de Maceió já haviam fechado naquela época e no contexto do avanço da pirataria e

do download, legal ou ilegal, que dominaram o mercado – ou ainda, tiraram a música da mera lógica de mercado, com conceitos como “cultura livre”, “democratização do acesso a cultura”, e licenças como as do projeto *Creative Commons*, entre outras tentativas de buscar modelos diferenciados. Naquele momento, o texto gerou um empolgante debate entre os membros da comunidade.

Cinco anos depois, as mudanças continuam. Cada vez mais os artistas independentes encontram na internet um espaço de difusão de seus trabalhos. A indústria *mainstream*, das grandes gravadoras, se rendeu ao nicho evangélico – cujo público, provavelmente por alguma “ética protestante”, não compra e nem baixa produtos ilegais. Enquanto parte da população não se importa com isso, e outra parte tenta conciliar difusão e acesso aos bens culturais dentro da legalidade, testando novas formas de produção e consumo de música. A geração atual de músicos e compositores se organiza em coletivos e cooperativas, politizando o setor, e produzindo festivais importantes em seus estados, como o Festival Maionese em Alagoas, estado que continua sem loja de discos... mas que agora tem a Banquinha Popfuzz.

Uma idéia, muitos discos

O Coletivo Popfuzz nasceu de um grupo de amigos, com bandas de Maceió e Arapiraca, decididos a movimentar o cenário musical em Alagoas. Este ano, acontecerá a sétima edição do Maionese, festival anual produzido pelo Popfuzz, e já tivemos a segunda edição do Grito Rock Maceió, dentro das prévias carnavalescas da capital. Além disso, o grupo toca adiante um selo que vem lançando trabalhos autorais de vanguarda na música alagoana, entre outros empreendimentos, dentre eles, um dos mais bem sucedidos: A Banquinha Popfuzz.

Pouco mais de um ano atrás, mesma idade da “banquinha”, o Coletivo Popfuzz passou a fa-

zer parte do Circuito Fora do Eixo que funciona através do trabalho de outros coletivos de artistas e produtores espalhados pelos estados do Brasil. A maioria deles conta com uma banca de discos, expondo e vendendo o material de artistas independentes em shows, outros eventos ou mesmo em locais fixos. Existe uma articulação de distribuição entre as bancas e com os próprios artistas/fornecedores.

Em Maceió, o responsável pela Banquinha Popfuzz é o compositor, guitarrista, colecionador de CDs e estudante de Biologia, Caíque Guimarães (Baztian / Bad Rec Project). Caíque conta como tudo começou em dezembro de 2009: “Foi na 1ª Tour Nordeste Fora do Eixo, em Maceió. Poucos dias antes deste evento, estive na Feira Música Brasil, em Recife, e deu pra coletar um material legal de produtos de fora do estado. Daqui de Maceió eu lembro que tinha os discos do Coisa Linda [Sound System, a minha banda], o primeiro da Bad Rec [Project, do próprio Caíque], a Coletânea Quintal e mais umas duas coletâneas que tinham alguma banda alagoana.” Já a primeira experiência vendendo CD em show foi no Maionese 2009. “Neste ano o pessoal decidiu pedir para os artistas locais que levassem seus CDs para a gente vender lá. Desde que eu ando em shows de rock, lá com meus 13 anos de idade, que eu gasto, pelo menos, meia hora do evento nas banquinhas, isso sempre chama a atenção”, garante.

Segundo Caíque, já passaram pela Banquinha Popfuzz cerca de 110 produtos diferentes. Dentre eles, CDs, livros, camisetas, *ecobags*, HQs, zines, adesivos, vinis decorativos, entre outros artigos. Pelo menos 20 produtos diferentes alagoanos e 90 produtos de bandas de outros estados. Caíque conta como faz a captação destes produtos e algumas das dificuldades que encontra neste processo, dentre as quais ele destaca as taxas e prazos dos Correios. “Na maioria dos produtos de fora, a quantidade é



mínima, às vezes somente uma unidade. Já os produtos alagoanos eu consigo em uma quantidade maior, mesmo assim faço transações de venda e troca com fornecedores de outras localidades. O Circuito [Fora do Eixo] possibilita uma maior interação com os ‘comerciantes culturais’ e seus produtos graças à circulação de bandas. É possível trocar produtos, pegar por consignação ou enviar por meio das bandas que estiverem circulando. Fora do Circuito o contato acontece somente com lojas e selos em negociações de compra. Até hoje estou tentando comprar os CDs de artistas locais como Mopho [do emblemático selo Baratos Afins], Sonic Junior, Oxe e Mutação, que foram lançados por selos e gravadoras. Como virão de outros estados e os Correios botam ‘na goela’ do cara, essas negociações ficam às vezes inviáveis”, reclama.

Caíque consultou as tabelas da banquinha e constatou que os shows onde vendeu mais discos foram eventos abertos ao público. Além de democratizar o acesso aos espetáculos de música, shows abertos economizam dinheiro no bolso do pessoal. “O show que a banquinha vendeu mais foi em praça pública, no Parque Ceci Cunha, em Arapiraca, onde tocaram Leões de Minerva [banda de Mossoró, Rio Grande do Norte] e a banda Eek. Foram vendidos 45 discos nesse dia. Eventos assim são sempre legais para a banquinha. O que o pessoal iria gastar com o ingresso gasta em CD. Nesse dia os discos que venderam mais foram os das bandas que tocaram e de artistas locais que tinham acabado de lançar algum trabalho: Coisa Linda Sound System, Bad Rec Project, e Rei Bulldog, banda de Arapiraca [Alagoas].”

Uma das metas atuais da Banquinha Popfuzz é conquistar novos públicos, além dos shows e eventos de música independente locais. “A idéia é armar a banquinha em lugares inusitados. Pensei em armar a próxima no Botequim Paulista [notório point *rocker* de Maceió].

E também em eventos que não exatamente shows, como no Comusica, onde vários livros de palestrantes foram vendidos, no Afina Alagoas, e também em espaços públicos. Em janeiro deste ano montamos pela primeira vez a banquinha na mala de um carro, num evento lá na Rua das Árvores, Centro de Maceió. Estamos pensando em montar uma ‘banquinha volta às aulas’ dentro da Universidade Federal de Alagoas e em frente de alguns colégios do ensino médio”, planeja Caíque.

E não para por aí, a Banquinha Popfuzz abriu este ano a primeira filial, em Curitiba. “Um de nossos membros, o Emílio, está morando lá. Vendo que o pessoal do Sul tem bastante admiração pelo conteúdo musical produzido no Nordeste ele teve essa idéia. Fizemos a captação de produtos e já temos a banquinha funcionando em Curitiba.”

Segundo Caíque, até a metade de 2011 a banquinha terá sua versão online, inclusive com os discos do catálogo do selo Popfuzz. Em outra frente de expansão, o coletivo está realizando um mapeamento de pontos fixos de venda como bares, casas de show e bancas de revista em Maceió e Arapiraca. Todo o lucro do empreendimento é investido nos lançamentos do Selo Popfuzz e na própria banquinha.

“Nosso maior desafio no momento é conseguir captar os produtos culturais locais. Fizemos um mapeamento detalhado e entramos em contato com quase todos os fornecedores. A meta é poder ser o fornecedor nacional de produtos alagoanos, independentemente do local de produção da mídia física”, diz Caíque. Até agora foram feitas poucas compras de produtos de fora do estado. A maioria delas via Circuito Fora do Eixo. As bandas parceiras do circuito fazem um esquema de venda por consignação.

Artista-fornecedor

Autor, músico, cantor, produtor fonográfico, fornecedor de discos. Cada vez mais o artista de música independente tem que se desdobrar em muitos papéis para tocar adiante seu projeto e promover suas composições, além de, não raro, atuar em outras frentes profissionais, já que viver de música é um sonho alcançado por poucos.

O compositor e jornalista Diogo Braz é vocalista/guitarrista do Eek, grupo de Maceió que lançou recentemente seu primeiro trabalho, *Fantasia de Equilibrista*, o disco mais vendido até agora na Banquinha Popfuzz. Diogo está animado com o sucesso de vendas naquele espaço. “A Banquinha é uma iniciativa digna de elogios. É uma alternativa muito interessante

para os artistas. Se a dificuldade é fazer o seu disco chegar ao público, a banquinha vai justamente aonde o público está: em eventos culturais. Seu disco está ali disponível, com preço acessível, para um público interessado em consumir música. Não são os amigos e a família comprando, entende?”

Fantasia de Equilibrista foi bem recebido mesmo. Estive no show de lançamento e comprei o meu exemplar na banquinha, que passou vários dias tocando no meu aparelho de som. A banda também disponibilizou o disco para download gratuito no Banco de Cultura do

Overmundo. Segundo Diogo, a internet é uma ferramenta indispensável, aliada do artista independente na difusão do seu trabalho. “Com a internet, seu disco chega a qualquer parte do mundo sem pagar Sedex. Por isso que a gente disponibilizou o nosso disco inteiro no Overmundo. Como dizia Milton Nascimento, ‘todo artista tem de ir aonde o povo está’, e hoje o povo está navegando na internet, os números dizem isso. O Overmundo nos interessa por ser um site construído de forma colaborativa por pessoas que podem nos dar um feedback interessante do nosso trabalho. Mas o interes-



sante é que há a possibilidade de semear nossas canções em diversas plataformas e esperar pra ver o que nasce dali.”

Diogo reconhece que a internet não resolve todos os problemas sozinha. “No panorama atual, com tanta informação circulando pela rede, é complicado conseguir alguma atenção do público e da crítica especializada”, reclama. Daí a importância de haver gente interessada no negócio da distribuição de discos independentes. “Os caras do Popfuzz têm bandas, sabem e vivenciam os entraves nesse processo de distribuição e acabam tendo ótimas soluções para contorná-los”, elogia.

Assim como Caíque, Diogo também faz suas sugestões aos Correios: “Um ponto que eu

acho importante é que não existe, pelo menos eu desconheço, alguma tarifa especial dos correios para envio de CD, como há o ‘registro módico’, para livros ou impressos. Com taxas de correios mais baratas, creio que ficaria bem mais viável a distribuição feita pelas próprias bandas. Contatos, endereços, a gente arranja na internet, mas para mandar pelos Correios acaba ficando caro”.

Basicamente, a diferença entre a Banquinha Popfuzz e as antigas lojas de discos é que a banquinha vende os discos do Diogo, os meus, e dos outros compositores independentes, locais e de outros estados, sem lugar para o produto pirata ou mainstream. Um novo caminho está sendo traçado.

Top 5 Mais vendidos – Os hits da banquinha

A Coletânea Quintal, que apresenta um apanhado de bandas alagoanas, vendeu até esgotar todas as cópias. Quanto aos artistas de outros estados, os que tiveram mais discos vendidos foram Emicida, O Garfo e Cerva Grátis. Entre os discos de artistas alagoanos, alguns se tornaram hits da Banquinha Popfuzz. Segue abaixo um ranking de CDs de autores alagoanos mais vendidos em um ano e alguns meses de existência da Banquinha Popfuzz:

[1º] Eek - Fantasia de Equilibrista
<http://www.overmundo.com.br/banco/eek-fantasia-de-equilibrista-2010>

[2º] Coisa Linda Sound System - Da Vida e do Mundo <http://www.overmundo.com.br/banco/da-vida-e-do-mundo-coisa-linda-sound-system>

[3º] Coisa Linda Sound System - Rochedo de Penedo [http://www.overmundo.com.br/banco/rochedo-](http://www.overmundo.com.br/banco/rochedo-de-penedo-coisa-linda-sound-system)

[de-penedo-coisa-linda-sound-system / Bad Rec Project - A pack of cigarettes for the midnight trap](http://www.overmundo.com.br/banco/bad-rec-project-a-pack-of-cigarettes-for-the) <http://www.overmundo.com.br/banco/bad-rec-project-a-pack-of-cigarettes-for-the>

[4º] Rei Bulldog - Ep <http://www.myspace.com/reibulldog>

[5º] A.S.U. - Procurados e Armados <http://alagoasound.blogspot.com/2010/05/asu-procurados-armados-manipuladores-de.html>



“O artista de música independente tem que se desdobrar para tocar adiante seu projeto e promover suas composições”

Catálogo Banquinha Popfuzz

CD | A Banda De Joseph Tourton
A Banda De Joseph Tourton

CD | La Estructura
A Roda

CD | Procurados E Armados
A.S.U.

CD | Alex Pochat E Os 5 Elementos
Alex Pochat E Os 5 Elementos

EP | Amaurose
Amaurose

HQ | Coleta
Área 71

CD | Rrrrrrrrrrrrock!
Autoramas

CD | A Pack Of Cigarettes for the
Midnight Trap
Bad Rec Project

EP | A Mulher Do Fim Do Mundo
Bê Formiga

EP | Beatle George E Seus
Planos Infalíveis...
Beatle George

SINGLE | Amargo Perfume
Blush Azul

CD | Botoccudo
Bocca

CD | Strange
Boddah Dicro

EP | Um Lugar Pra Esquecer
De Tudo
Bon Vivant

CD | Okey Dokey
Boom Boom Kid

ADESIVO | *Brown-Há*

EP | Brown-Há
Brown-Há

EP | Normal People's Brigade
Calistoga

VINIL | Decorativo Calistoga
Calistoga

EP | Still Normal
Calistoga

CD | Casa Flutuante
*O Mundo é a nossa Casa
Flutuante*

CD | Casaca
Casaca

CD | Chá De Flores
Chá De Flores

CD | Frontière
Clamus

CD | Da Vida e do Mundo
*Coisa Linda Sound
System*

CD | Rochedo de Penedo
*Coisa Linda Sound
System*

CD | A Tradicional Família
Mineira
Colorido Artificialmente

CD | Sintonia da Mata Conjunto
Roque Moreira

ADESIVOS | Monstro#1 Daniel
Hogrefe

ZINE | Quase ZINE#3 + 3 ADESIVOS
Daniel Hogrefe

CD | Debate
Debate

CD | Mais Pimenta Menos Sal
Deluxe Trio

CD | Dossie
Dossie

CD | Fantasia de Equilibrista
Eek

CD | Mixtape Emicídio
Emicida

ECOBAG | Spermental
Erivaldo Mattüs

ZINE | Spermental
Erivaldo Mattüs

EP | Qndtdqbrecai
Estatica

CD | Yyy
Falsos Conejos

CD | FDR
Família das Ruas

CD | E Se For Dessa Vez...
Flauer

CD | Algo Sobre Nós
Fullheart

EP | Fullreggae
Fullreggae

LIVRO | Fora do Eixo
Gabriel

EP | Gauche
Gauche

EP | Urbano, Demasiado Urbano
Gleisson Jones

CD | A 125 Por Hora
Guitarria

CD | Macaco, Chiquinho e o
Cavalo
Gustavo Macaco

CD | Hijack!
Hijack!

CD | Bizarro
Hulk

CD | Globalizando
Hypnotizion

CD | Pulsação
Iazul

EP | Intruhder
Intruhder

CD | Novo
Jason

LIVRO | Comunicação
Jeder

CD | Johnny Suxxx And The
Fucking Boys
*Johnny Suxxx And The
Fucking Boys*

CD | The Full Time Rockers Club
JosEPH K?

EP | Celebration
Kaddish

HQ | Kuei

CD | Anatema
Labirinto

ADESIVO | Macaco
Laja

EP | O Crime
Leões de Minerva

CD | Invernada
LEPitospirase

EP | Quando Voltar Eu
Termino Lise

CD | DEMOS
*Little quail and the
mad birds*

CD | Geração Oitenta ao vivo
Lord

CD | Dread In Brasil
Loveshine

CD | Coisa Linda
*Marcelo Cabral e Trio
Coisa Linda*

HQ | Lucas da Vila de Sant'anna
*Marcos Franco, Marcelo
Lima, Helcio*

CD | Globalizado Só Os Tênis
Meiofree

CD | Minha linda coleção de EPs
Merda

ADESIVO | Coca
Merda

SPLIT | Merda
DFC

LIVRO | Indústria da Música
Michael

EP | Morra Tentando
Morra Tentando

CD | Gaiola
Mukeka Di Rato

EP | Pressuposto
Nevilton

CD | Todos Iguais
No Break

CD | Meu povo é sofrido mixtape
NSC

EP | Vôo Livre
Nublado

EP | Epizod
O Garfo

CD | Caveira y Macaco
Os Pedrero

CD | Motoqueiro Doido
Os Pedrero

CD | Sou feio mais tenho banda
Os Pedrero

CD | Ultima cidade
Plastic Fire

CD | A Passeio
Porcas Borboletas

DEMO | Sem Nóia...Sem Paz...
Power Of The Nóia

CAMISA | Projeto Sonho

EP | Rei Bulldog
Rei Bulldog

EP | Rodamundo
Rodamundo

CD | A luta
Rótulo

CD | Vontade De Gritar Senhoritas

LIVRO | Rumos da Cultura
Solange

CD - Sabotador De Satélite
Totonho E Os Cabra

ZINE | Tubarão Martelo #1
Tubarão Martelo

COLETÂNEA | Coletivo
Megafônica

COLETÂNEA | In Polgando II

COLETÂNEA | Quintal

COLETÂNEA | Coração ao
Contrário

COLETÂNEA | Ultraje a Rigor
Tributo

CD | Pau Brasil
Vitor Pirralho

DEMO | A Diferença Entre O
Igual E O Diferente
*Zé Viola
Progressive Band*

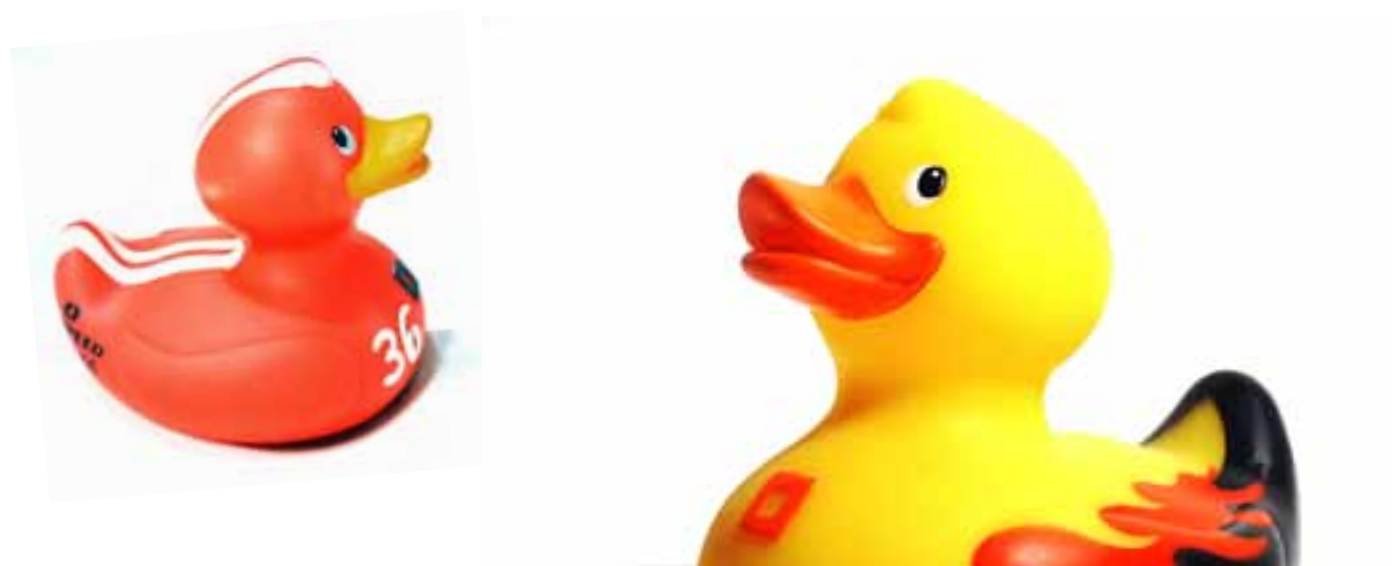
CD | Zefinha Vai À Feira
Zefinha

CD | Só precisamos de 20 min.
Zefirina Bomba

CD + EXTRAS | Só precisamos de
20 min
Zefirina Bomba

CD | Abominável Mundo Monstro
Zumbis do Espaço

CD | Aberrações que Somos
Zumbis do Espaço



canto para quem?

Anônimos saem do banheiro e fazem a festa com versões de suas músicas preferidas no YouTube

Thiago Camelo



“Talvez seja melhor assim, quando a pessoa continua anônima e à vontade”

Thiago Camelo

Certa vez, em uma entrevista via webcam, pedi para o interlocutor do outro lado da tela levantar e mostrar um pôster no fundo do seu quarto. Recebi uma resposta um tanto constrangida: “É..., não leva a mal, mas não posso, estou de cueca”. É o tipo de declaração que faz pensar. Em que outra situação um entrevistado mostra o rosto para uma câmera estando de cueca? Mas é no conforto do lar e com uma webcam que se grava, atualmente, música.

Uma das experiências mais bacanas da internet está acontecendo no *YouTube*. Desde o lançamento do site, centenas de pessoas publicam a própria interpretação da canção de seu artista favorito. O que começou com uma onda de paródia, como no caso dos *Backstreet Boys chineses*, foi se transformando em uma singela coleção de execuções pessoais de canções famosas. Ainda em 2008, *João Brasil*, cantor-hit da internet, lançou um videoclipe bacana em que compila vários fãs cantando o seu single *Baranga*.

Mas o primeiro a me chamar atenção para esse movimento foi meu irmão *Marcelo*, que sempre chega com um novo link de alguém tocando suas músicas. Ele adora. E isso acontece há algum tempo, desde antes do lançamento do seu CD solo, ainda à época do *Los Hermanos*. No caso dele, foi até engraçado. Depois de tocar uma única vez *Liberdade* no programa da Leda Nagle, música inédita até então, *choveram versões* no *YouTube*. Acontece até hoje com obras não registradas em CD algum. Por exemplo: *Bom dia*, canção executada pouquíssimas vezes em alguns shows dos primórdios dos *Hermanos*, também ganhou interpretações. Uma delas é

arrebatadora. Embora não captada por uma webcam, é regida pela mesma naturalidade - um *rapaz canta no seu casamento para a mulher*, numa execução tão amadora quanto cativante.

Não é mais um discurso de “*faça-você-mesmo* e vai estourar”, porque a questão não é essa. Milhares já ganharam fama com a internet. Fama e dinheiro, como é o caso da *menina holandesa* que foi descoberta quando cantava para “ninguém”. Mas a imensa maioria continua anônima. É instigante pensar as motivações que levam o sujeito a gravar músicas dos outros e jogar no *YouTube*. Mas não acho mesmo que seja para se fazer conhecer. Sei lá o motivo real. Num primeiro momento, parece ser a razão pela qual tantos postam vídeos sobre qualquer coisa; claro, também não sei por que se faz isso. Acho que qualquer previsão é um chute tremendo. O fato é que o próprio *YouTube* tenta, *por meio de uma seção*, organizar esses anônimos e dar alguma forma à dispersão musical. Mas esbarra no seu tamanho e tudo continua muito confuso.

Talvez seja melhor assim, quando a pessoa continua anônima e à vontade. Quando o fato de esquecer a letra, desafinar e tocar errado soa menos importante do que executar a canção da qual se gosta. Daí, do quarto e da privacidade de cada um, saem as pérolas da internet, como no caso das dezenas de interpretações de arrepiar de *Você é linda*, do Caetano, ou *Tchubaruba*, da Mallu Magalhães. Vêm do que de melhor a rede e a tecnologia podem oferecer, que não é fama ou possibilidade de ganhar dinheiro, mas sim fazer o que quiser do modo que se quiser - e mostrar para alguém, se for o caso.

OVERMUNDO em Pílulas

Em todas as edições, a Revista Overmundo seleciona o que de mais bacana circulou e gerou discussão entre os conteúdos do site nos últimos meses. Leia mais em overmundo.com.br

[1] O Monstro Souza

Monstro Souza, um cachorro-quente que mata! Viktor Chagas entrevistou Bruno Azevêdo (o acento é mera idiossincrasia) e Gabriel Girnos, autores do romance festifud que é pura sensação em São Luís. A entrevista e suas repercussões, o romance anterior de Bruno – *Breganejo Blues* – e a resenha de Flávio Reis dão o tom (bem-humorado) da conversa. Acompanhe.

[2] Uma volta na lama da memória

Joca Simonetti comenta o vídeo de Ursula Dart, da prolífica safra de produtores de audiovisual da Vitória. Repleto de registros raros, alguns filmados originalmente em VHS, o filme resgata passagens importantes da cidade e vida social e pessoal da diretora. Afinal, a memória é um marco da existência coletiva.

[3] Filme de autor vs. Filme comercial

Em uma extensa reflexão sobre o cinema nacional, Chico Santa Rosa, em texto escrito originalmente para a série Samba de uma Nova Gente, provoca: profissionais de cinema no Brasil reconhecem apenas dois tipos de filme: o filme de autor e o filme comercial. Onde está o nosso cinema underground?

Você ainda baixa música? [4]

A música está mudando.

Carlos Bernardina apresenta o conceito de SiMBiOSE, novo álbum do projeto Axial, que inova na distribuição da música via internet. Agora, você não baixa música, você baixa software...

Cultura e pele [5]

Um coletivo de intervenções urbanas e ações efêmeras. Assim é o Poro, dupla de dois, formada pelos artistas Brígida Campbell e Marcelo Terça-Nada! - e que agora lança livro sobre sua trajetória. Confira.

Sem freio [6]

Por falar em música, João Xavi comenta sobre as interações entre música e futebol, a partir do mote do “Bonde do Mengão sem Freio”. Tem história...

[7]

Fazedores do nosso chão

Que o Brasil está cheio de personagens ilustres desconhecidos, isso muita gente sabe. Que de vez em quando um repórter pinça um ou outro para bater um papo, é muito comum que aconteça. Mas a série “Fazedores do Nosso Chão”, que Fernanda Salvador tem publicado no Overmundo, não apenas apresenta personagens do cotidiano como filosofa com eles sobre a vida. É assim que o artesão Zé do Ponto reconhece que “ninguém vive sozinho” e o roceiro Olímpio Soares conclui “a vida é um laço”. Dona Lira Marques relata o amor ao que faz e Gonçalo Silva fala sobre a necessária construção de ilusões para se viver. Acompanhe!

[8]

SOS Museu Sacaca

No Amapá, o Museu Sacaca pede socorro. PauloZab relata como foi o encontro da equipe que coordena o Plano de Ação Museológica para 2011 na instituição, importante polo cultural macapaense.

[9]

Véio

Você conhece o Véio? Ramon Diego fala sobre a repercussão ao trabalho desta artesão sergipano. No Overmundo, você confere ainda o trailer exclusivo do documentário Véio, de Adelina Pontual.

[10]

Vissungos

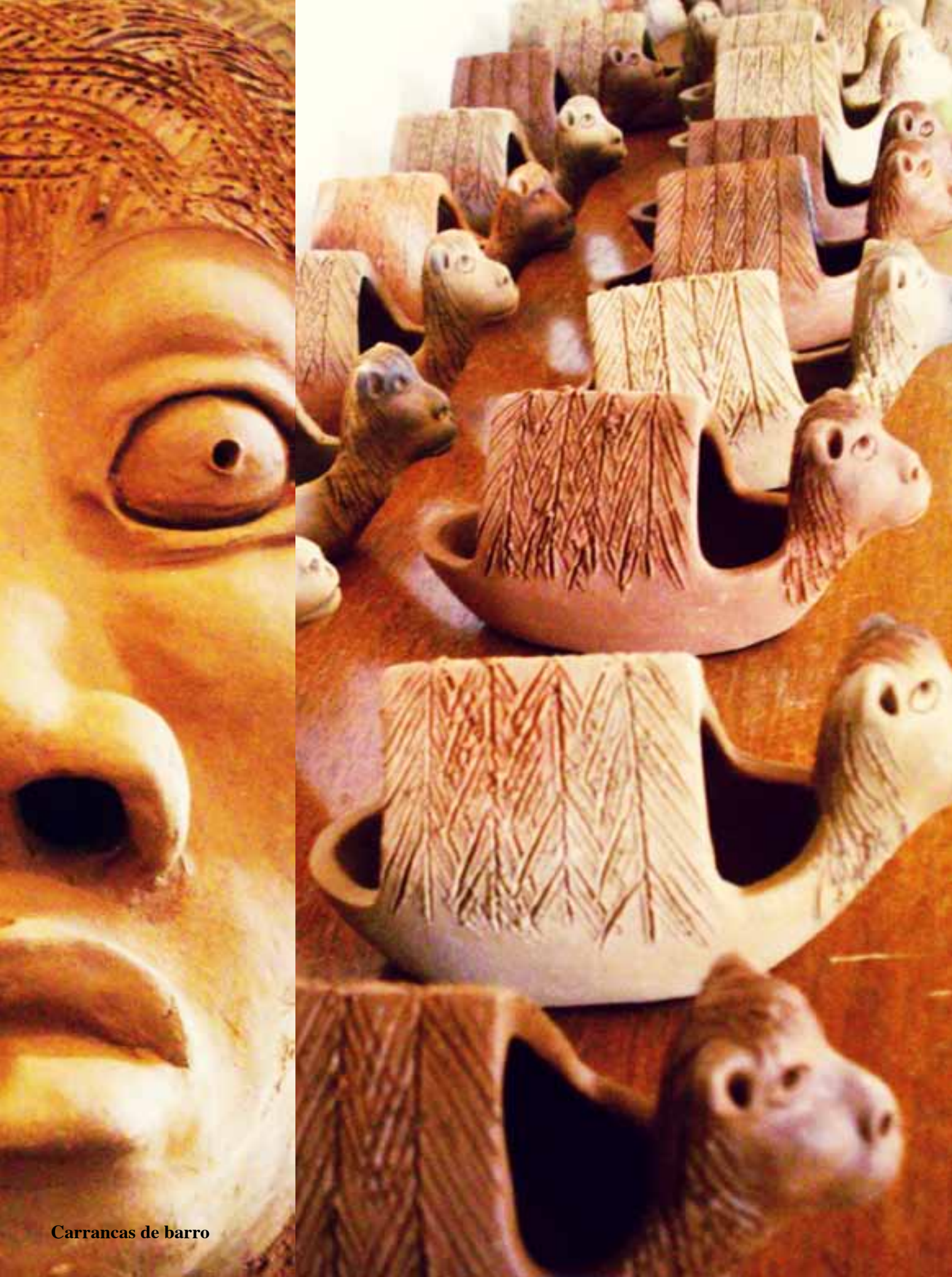
Um novo projeto de mapeamento musical surgindo? Makely Ka escreve sobre os vissungos, cantos rituais herdados dos escravos africanos, misturando dialetos de origem banto, como o umbundo e o quimbundo, e o português arcaico.



carrancas: a cara do São Francisco

Sucesso das peças, que começam a ser vistas como obras
de arte, não garante a sobrevivência dos artesãos

Luís Osete



Carrancas de barro

No início da tarde de uma quinta-feira saí de casa a fim de encontrar o homem que, muito provavelmente, deve ser o maior produtor de carrancas da região do São Francisco: o juazeirense Paulo Roberto de Jesus Santos ou, como é mais conhecido, Paulo das Carrancas. Há 25 anos, ele já havia fabricado 32 mil carrancas. Entrei no ônibus com uma referência básica, o nome do bairro: Piranga. Mas fui tranquilo, acreditando que a popularidade das carrancas entre os habitantes desta parte inspirada do Brasil seria proporcional ao reconhecimento de um de seus mais atuantes produtores. Ledo engano. O cobrador achou o nome estranho e o motorista trocou de marcha enquanto balançava a cabeça como se dissesse: “Nunca ouvi falar”.

Depois de caminhar por um bom tempo pelas ruas de um dos bairros mais carentes de Juazeiro, um rapaz apontou para um homem de meia-idade, que repousava sentado num tronco de umburana entre tantos outros troncos espalhados pelo terreiro. Para chegar até ele só caminhando sobre pedaços da árvore típica da caatinga e doada aos escultores da região por fiscais do Ibama, que as apreendem por extração irregular.

Vendo os exemplares de umburana à espera das mãos do artesão para receber “uma solução plástica de elevado conteúdo artístico e emocional”, como diria Paulo Pardal, autor de um livro sobre a arte das carrancas, recordei-me de um artigo do teórico frankfurtiano Walter Benjamin: “A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica” (1936). Fiquei imaginando que se Benjamin tivesse sobrevivido às agruras da Segunda Guerra Mundial (“suicidou-se em 1940, na fronteira espanhola, sob o temor de ser entregue pela polícia franquista à Gestapo”), teria um forte argumento para atualizar seu artigo: o fenômeno social das carrancas do São Francisco.

Coincidentemente, o ano da morte de Benjamin marca o fim do ciclo das embarcações

no Brasil, momento em que as carrancas passam a ter outra significação social e cultural, deixando de ser usadas somente como figuras de proa para serem fruídas como objetos de decoração no interior das casas, feiras artesanais, museus, exposições, coleções e estabelecimentos comerciais.

Com o advento dessa nova função social, que é a do valor de exposição, as carrancas passam a ser elaboradas no sentido de satisfazer a “encomenda”, o desejo de quem as quer possuir, bem como buscando um retorno financeiro. Esse acontecimento já fora descrito por Benjamin com relação às artes: “À medida que diminui a significação social de uma arte, assiste-se no público a um divórcio crescente entre o espírito e a fruição da obra. Frui-se sem criticar, aquilo que é convencional; o que é verdadeiramente novo é criticado com repugnância”.

Marilena Chauí, de forma muito atenta ao contexto histórico que possibilitou a escrita do artigo de Benjamin, assinala no livro *Filosofia* que “ao escrever sobre a mudança das artes, nos anos 30, Benjamin tinha presente uma realidade e uma esperança. A realidade era o nazi-fascismo e a guerra; a esperança, a revolução socialista”.

Levando a analogia entre os processos de transformação das artes, de forma genérica, e das carrancas, de forma particular, cabe uma paráfrase da reflexão de Chauí. Ao escrevermos sobre as carrancas, em pleno século 21, temos em vista uma realidade muito forte: O capitalismo e a cultura de massas. Agora cabe uma pergunta não muito simples de responder: Qual é a nossa esperança?

Vejamos...

Como uma figura sombria, disforme, zooantropomorfa e com uma expressão de ferocidade intrínseca agravada por uma generosa juba conseguiu atravessar gerações e se tornar o

ícone da região do São Francisco? Longe da pretensão de fazer um estudo da história das mentalidades, a explicação pode estar associada ao aspecto ritualístico atribuído às carrancas pelos narradores fantasiosos, que encontraram na função totêmica uma fácil explicação para a origem incerta de tal manifestação da arte popular.

De ornamento das barcas passou-se também a atribuir a essas curiosas figuras a função mágica de salvaguardar os barqueiros, viajantes e moradores contra as tempestades, perigos e maus presságios. Uma crença que, medidas as proporções, perdura até hoje.

O fato é que a dimensão religiosa das artes, muito comum nas primeiras manifestações culturais, deu aos objetos artísticos ou às obras de arte um caráter singular. “Sua qualidade de eternidade e fugacidade simultâneas, seu pertencimento necessário ao contexto onde se encontra e sua participação numa tradição que lhe dá sentido”, como escreve Marilena Chauí.

Ao desenvolver tais argumentos, Chauí se refere a uma característica presente no vínculo interno entre unidade e durabilidade, que é a autenticidade da obra de arte. “A própria noção de autenticidade não tem sentido para uma reprodução, técnica ou não”, aponta Benjamin. E, em seguida, traz um dado relevante para o objeto (carranca) em questão: “Mas, diante da reprodução feita pela mão do homem, e considerada em princípio falsa, o original conserva sua plena autoridade”. Será?

As carrancas produzidas por Paulo foram analisadas na monografia mais completa escrita sobre essa arte popular, o livro *Carrancas do São Francisco*, de Paulo Pardal. Nesta obra, Pardal ressalta que as carrancas-vampiro (assim denominadas por apresentarem vistosa dentadura branca onde sobressaem os caninos) refletem um sentimento coletivo muito desligado do protótipo original.

Como protótipo original Paulo se refere às carrancas produzidas pelo saudoso Francisco Biquiba Dy Lafuente Guarany (1882-1985). O mais notável carranqueiro do São Francisco ficaria desolado ao saber que poucos escultores têm a audácia de fugir ao padrão imposto pela clientela. A experimentação, um dos pressupostos da criação artística, ficou mesmo atrelada à figura de Guarany.

Nascido em 1882, mas registrado no dia 2 de abril de 1884, Guarany inaugurou o século 20 esculpindo sua primeira Carranca, aos 19 anos. 50 anos depois, foi considerado o responsável por dois terços das carrancas esculpidas no século XX para as barcas do médio São Francisco. Até os 98 anos, revelou-se, em cada carranca esculpida, um artista de refinada sensibilidade e melhor representante das soluções plásticas de elevado conteúdo artístico e emocional.

Não por acaso, a cada peça criada atribuía um nome próprio, fruto de sua imaginação prodigiosa e de referências a animais pré-históricos e à mitologia indígena. Foi assim que surgiram Aratuy, Maturân, Salaô, Tôrian Jerome, Melozân, Borêta, Zulcão, Muritan, Peroni, Xateiro, Caxalot, Tatuy, Zucuidro, Chipam, Igatoni, Brutuan, Capebolo, Capiñago, Mastodonte, Megatério, Galocéfalo, Medostantheo, Bronotosário, e tantos outros nomes (in)decifráveis.

Mas, ao me despedir de Paulo das Carrancas naquela tarde de quinta-feira, senti que este exercício teórico-analítico sobre a produção das carrancas, à luz da teoria crítica, não contempla a dureza dos dias sertanejos, marcados pela falta de incentivo, abandono e esquecimento. Algo que inequivocamente se reflete na dureza com a qual eu fui recebido.

Diferentemente do que havia feito há um tempo atrás, quando estive com outros colegas fazendo pesquisa de campo sobre “a permanência (ou não) da aura na (re)produção das

Ana das Carrancas
em óleo sobre tela



Carrancas”, Paulo se recusou a falar. Contrastando com a disposição em exibir suas produções ao clique da câmera, naquela tarde não foi possível tirar fotografias. O encontro não durou nem cinco minutos.

Tempo suficiente para dizer que tem se dedicado a fazer outras coisas, muito além da produção das carrancas. Se em 1983 ele dizia, num depoimento que compõe o livro *O Velho Chico: sua vida, suas lendas e sua história*, do jornalista Wilson Dias, que faltava o incentivo e o apoio dos órgãos ligados ao setor de cultura popular e turismo. Agora ele prefere nem

comentar mais nada: silêncio e esquecimento são palavras muito próximas.

Palavras que por muito tempo ressoaram na vida da artesã Ana Leopoldina dos Santos, mais conhecida como Ana das Carrancas. A trajetória da mulher que, para sobreviver, transformou o barro numa figura zoomorfa já rendeu um perfil biográfico: *Ana das Carrancas: A dama do barro*, do jornalista Emanuel Andrade, e uma matéria escrita por Pedro Bial para o Jornal Nacional.

Curiosamente, a nova percepção cultural que se forjou em torno da artesã veio acom-

panhada de um profundo silêncio. Em 2004, um Acidente Vascular Cerebral (AVC) deixou Ana sem movimentos e fala. Um ano depois foi agraciada com a Ordem do Mérito Cultural, recebendo, emocionada, o título das mãos do presidente Lula e de Gilberto Gil, ministro da cultura na época. No mesmo ano, o Governo do Estado conferiu-lhe o título de Patrimônio Vivo de Pernambuco.

No dia 1º de outubro de 2008, uma parada cardiovascular fez a *Dama do barro* entrar em silêncio perpétuo. Quando Ana tinha voz, revelou ao músico Wagner Miranda, autor de

uma música em homenagem a ela, que a parte mais certa da letra era a que dizia: “O reconhecimento demorou e veio lento chegou de fora pra dentro”.

O problema é quando o reconhecimento teima em não chegar, legando aos carranqueiros e carranqueiras do São Francisco um silêncio involuntário que se mistura à necessidade diária. “É dessa arte que minha família tira o sustento para sobreviver”, afirmou Paulo Roberto de Jesus Santos em 1983. Atualmente, tendo completado 35 anos de carrancas, nem isto ele pode dizer.



Fachada do Centro de
Artes Ana das Carrancas



a nossa primeira presidente

Avó de José de Alencar, a revolucionária Bárbara de Alencar governou a República do Crato e foi a primeira presa política do país

José Carlos Brandão

Quando estourou a Revolução Pernambucana de 1817, Bárbara de Alencar liderou o movimento no Cariri e proclamou a República do Crato, sendo designada sua presidente. Assim, Bárbara de Alencar tornou-se, senão a primeira presidente do Brasil, a primeira presidente de uma república brasileira. Agora temos uma primeira presidente do Brasil, Dilma Rousseff, revolucionária e presa política como Bárbara de Alencar.

Num tempo em que as mulheres dedicavam-se às famosas prendas domésticas (prendas que

as prendiam, restringiam, totalmente), Bárbara não apenas aderiu, mas pôs-se à frente da Revolução Pernambucana em seu estado de adoção, o Ceará. O movimento separatista durou menos de três meses. No dizer do etnólogo português Luís da Câmara Cascudo, a revolução de 1817 foi a mais linda, inesquecível, arrebatadora e inútil das revoluções brasileiras. Bárbara foi presidente por apenas oito dias. Mas foi o bastante para marcar a sua presença na história.

Crato é uma cidade situada na região do Cariri, no sul do Ceará, no pé da Serra do Araripe.

BARBARA DE ALENCAR

★ 41-02-1760, EXU (PE)

† 28-08-1832



A região era habitada pelos índios Cariris (ou *Kiriris*, palavra que em sua língua significa “calado” ou “sincero”). Calcula-se que os índios Cariris ocupam o lugar desde o século IX. Há documentos comprovando a ação dos missionários na região desde 1730.

A cidade do Crato primeiro foi chamada de Missão do Miranda. Em 1764 a povoação tomou os foros de Vila, com o nome de Crato em homenagem à cidade portuguesa homônima no Alentejo. E, enfim, foi elevada à categoria de cidade em 1853.

Portanto, quando foi proclamada a independência da região e a criação da primeira república no Brasil, o Crato era ainda uma simples vila. Personalidades influentes da época, latifundiários monarquistas, ficaram insatisfeitas e mandaram prender Bárbara de Alencar, a presidente, e os seus filhos. A República do Crato foi tão efêmera que os historiadores sempre lhe deram pouca importância, mas hoje enfim reconhecem que foi o germe dos ideais democráticos.

Até este acontecimento, a vida de Bárbara de Alencar parecia fadada a ser igual à de outras nordestinas. A revolucionária nasceu em 1760, na cidade de Exu, Pernambuco. Casou-se, em 1782, com José Gonçalves dos Santos, comerciante de tecidos na vila do Crato, e teve quatro filhos. Quando estourou a Revolução Pernambucana de 1817, seu filho José Martiniano de Alencar, no púlpito da Igreja Matriz, proclamou a República do Crato, e nomeou a mãe presidente.

Veio a repressão e Bárbara se tornou também a primeira prisioneira política do Brasil. A corte fez questão de mantê-la presa de 1817 a 1820 em várias cadeias precárias, vivendo ou sobrevivendo em condições desumanas, no Forte Nossa Senhora da Assunção, em Fortaleza, de onde foi transferida para o Recife e depois para Salvador. Bárbara ganhou a liberdade em novembro de 1820, por ocasião da Anistia Geral.

Não se acovardou, nem se acomodou. Apesar de ser já uma senhora de mais de 60 anos de idade, Bárbara de Alencar continuou a participar das lutas políticas da sua época. Em 1824, seus três filhos homens entraram no movimento que se chamou Confederação do Equador e que incendiou as províncias nordestinas. Dois deles morreram. Bárbara sobreviveu e só morreria em 1832, na fazenda Alecrim, no Piauí, de onde o corpo foi levado para ser sepultado em Campos Sales, Ceará.

Quando o romancista José de Alencar foi eleito Senador do Império, D. Pedro II vetou o seu nome. Apesar de já ter sido ministro da Justiça, o imperador temia que trouxesse em seu DNA os genes revolucionários e republicanos de seu pai José Martiniano, de seus tios Tristão e Carlos, e de sua avó Bárbara de Alencar.

Hoje, o Centro Cultural Bárbara de Alencar agracia todos os anos três mulheres, com a Medalha Bárbara de Alencar. O centro administrativo do Governo do Ceará chama-se “Centro Administrativo Bárbara de Alencar”. Em Fortaleza há estátua sua na Praça da Medianeira.



Junto com Você

Atacado e Varejo

Conforto

Segurança

Estacionamento

www.mercadaodemadureira.com

**MERCADÃO
DE
MADUREIRA**

O maior mercado popular do Brasil.



Vende-se. Mas e antes disso? Primeiro, planta-se. Depois, colhe-se. Aí, coloca-se em caminhões. Até que chegue-se. Chega-se e descarrega-se. Arrumam-se as gôndolas. Abrem-se as lojas. E aí sim, vende-se. Mas e depois disso? Então, embrulha-se e a partir daí, existe um leque de possibilidades. Dá-se de presente, come-se, bebe-se ou mesmo, sacrifica-se. Mas em algum momento, vende-se. Para esse momento, o lugar certo é o Mercadão de Madureira, o maior mercado popular do Brasil.

Mais de 20 caminhões vêm dos mais diversos cantos. Eles descarregam produtos na rua

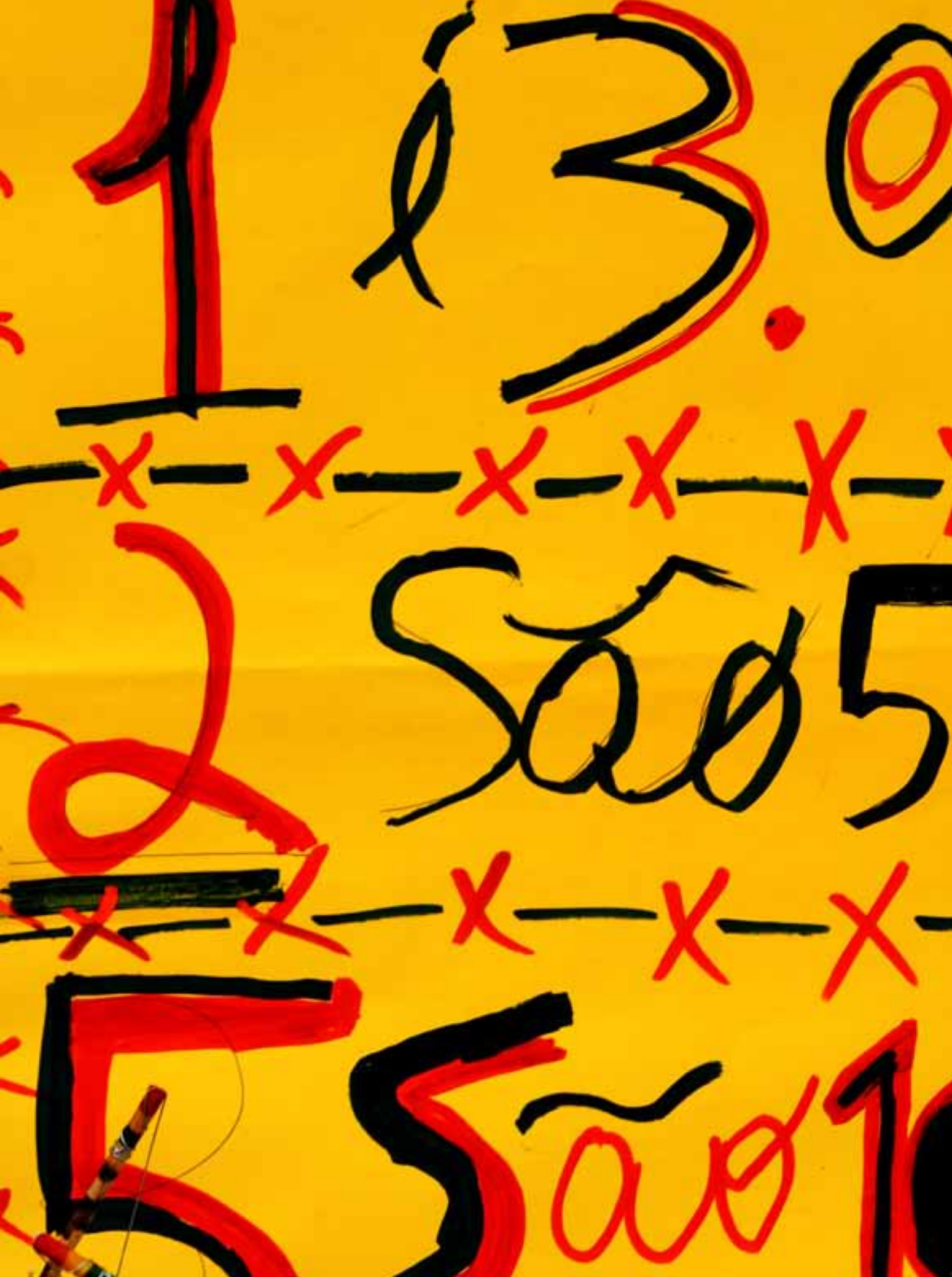
Conselheiro Galvão nº58, às 9h de uma ensolarada manhã. Burros-sem-rabo e carrinhos de mão fazem o transporte até as lojas. Em meio à confusão de homens fazendo carga e descarga, camelôs ainda conseguem um espaço. Do lado de dentro, o zum-zum-zum é mais intenso e barulhento do que aqui.

O Mercadão está cheio, mas o clima é ameno. Os 8 mil metros quadrados de comércio recebem bem 80 mil consumidores diariamente. São mais de 600 estabelecimentos nos dois andares e uma receita responsável por grande parte da arrecadação do ICMS no bairro.

Vende-se

Os bastidores do Mercadão de Madureira, o maior mercado popular do Brasil

tratar com Saulo Pereira Guimarães



O espaço já faz parte da história da região – muito embora tenha sua própria história – e atrai políticos, celebridades e principalmente fregueses para suas longas e largas galerias.

As galerias são os corredores que abrigam as lojas. Cada uma é pintada de uma cor. A C é Salmão. A H, verde e a F, marrom. E há muitas outras. Elas formam esquinas e, num determinado ponto, grande parte conflui formando uma espécie de praça, onde ficam as escadas rolantes. Há quem divida as lojas por setor e são os mais variados. Aviário, lanchonetes, lojas de ferragens, de impressão digital e até uma floricultura.

Ela se chama Rio Bonito Paisagismo. Na verdade, trata-se de um quiosque, na esquina da Galeria A com a F, no primeiro piso. É repleto de flores, plantas, duendes e outros enfeites de jardim, quem atende lá nessa manhã é Elaine, uma senhora de meia-idade. Ela afirma que o negócio vai bem e que o ponto é muito bom. “O nome é uma homenagem à cidade onde nasceu a minha sogra”, diz. Aqui, ao que parece, o mercadão é verde. Mas há muitas outras cores que ver nesse mar de gente e histórias.

Mar ou selva, cheia de cheiros que se fazem sentir. A essência doce do fumo-de-rolô nas lojas que insistem em vendê-lo. A agradável e asséptica melodia olfativa da cânfora. O fedor clássico de galinhas e companhia, vendidas vivas nos aviários. O odor enjoativo da gordura que vem das pastelarias e lembra que a hora é de almoçar. E mais: que para isso, não é preciso sair do Mercadão.

O menu de hoje é refinadíssimo. Almôndegas, moela com batatas ou pernil com maionese a módicos R\$ 6. Um delicioso Mocotó a R\$8. A luxuosa carne seca a R\$9,50. O bar do Careca fica na esquina da H com a G, 2º piso. As mesas estão todas cheias. Como aqui, há outras cozinhas a todo vapor em vários cantos do Mercadão. Em cada canto, uma biros-

ca ou mesmo um restaurante. Basta andar por aqui para ver.

A culinária mineira repousa na galeria C. O restaurante a quilo Mineirinho serve tutu de feijão, carne de porco e cachaça para quem tem saudades da terra onde nasceu ou pela qual se apaixonou. A globalização também não escapa na forma de *fast foods* como Bob's e outros menos prestigiados, que também marcam presença. Para exóticos amantes da gastronomia da Hélade, até o duvidoso churrasco grego encontra-se à venda do lado de fora. É comida para todos os bolsos e gostos.

Quem não pode comer, não entra. A forte presença dos seguranças por todos os lados intimida. A poucos metros dali, a opção dos pobres é o restaurante popular Tia Vicentina, mantido pelo governo. Lá, as refeições custam apenas R\$ 1. Num país de tantos contrastes, eles não poderiam faltar no Mercadão. Para o mal, como no caso descrito. Ou para o bem, na pluralidade de ofertas lado a lado.

A diversidade de produtos é uma marca do lugar. A loja dos Correios fica quase em frente ao quiosque da Sinaf, uma funerária, os dois tendo em comum somente o ofício da encomenda – ainda que de matérias diferentes. Em corredores paralelos, lojas de frutas e de roupas populares. Numa única galeria, as diferenças são tantas que terminam até passando despercebidas. Um mundo de produtos se descortina nas pequenas lojas.

Corredor C, segundo andar, pouco depois das escadas rolantes. Lê-se: “Temos obi, orobo, esum e efum africanos.” São artigos utilizados nos terreiros que a Lua e Mar, nº221, comercializa para iniciados. Logo atrás, a moderna HB Carioca tem Jack Daniels a R\$93,50 e Red Label por R\$ 79,80. No 213, a Mercadão Pet vende Royal Canin para cães Yorkshire ao preço do segundo uísque. No meio do caminho, lasanhas a R\$ 8,50 na Casa das Massas, nº 217.



Uma proximidade inconcebível para espaços tão distantes no imaginário comum.

Por todo Mercado, multiplicam-se variados negócios para diversos fins. A loteria Mercado da Sorte, na mesma galeria do obi, orobo e efum. O salão de beleza Betel, com estúdio de tatuagens num apertadíssimo sótão, em frente a uma loja de cestas de café da manhã.

Serly, da Sinaf, confirma o sucesso e diz que a saída é ótima, mesmo em seu fúnebre empreendimento. Mais distante, a Toca do Caçador

vende bichos para sacrifício em rituais e tem email próprio.

Lojas como essa também não são raras por aqui. Estamos em Madureira, há poucos metros da Serrinha do jongo e no local de onde parte todos os anos a procissão de Iemanjá. É inevitável sentir a energia que vem da porcelana dos ibás e dos santos, vendidos nas casas de artigos religiosos. As estátuas de olhos que fingem ser fixos e expressões vivas impõem respeito a todos e são passíveis de veneração por alguns.

Uma mulher olha obstinada para uma dessas lojas. A umbanda, a macumba e o candomblé têm aqui uma espécie de templo, onde encontram as oferendas para suas entidades. E a mulher, toda de branco, bem parece uma delas. Veste um boné que esconde seus olhos. Está cabibaixa, como quem espera alguém. Os braços cruzados. Os passantes não a vêem. Ela segue impávida, com o rosto sério e desfigurado. É só mais um orixá que passa discreto e forte entre os homens nas galerias lotadas do Mercado.

Fim de tarde. Em Brasília, 19h. Hora de voltar para casa. Dessa vez, ao contrário da música, Madureira não chorou. Segue sorrindo de braços abertos para quem quiser lhe visitar. Na galeria L, Madureira é um velho botequim todo em azul e branco que poderia estar em sépia. O que de mais moderno nele existe são afrescos com losangos de Brasília. Num espaço que não se vende para um futuro que nunca chega, peço uma “água com gaz” – como consta na tabuleta – antes de dizer adeus.

Classificados

Dados engraçados, curiosos e inusitados sobre o Mercado de Madureira

Histórico

A história do Mercado de Madureira

A poucos metros daqui, em meio aos prédios e o asfalto, ainda planta-se. Trata-se da Vila das Torres, que todos chamam mesmo é de Horta. O que se vende é fruto do que se colheu lá. Sementes de uma história que germinou há quase um século pelas terras do bairro.

Naquele tempo, o Rio eletrificava-se pelos cabos da Light. A luz que vinha de longe rompia os subúrbios até chegar no centro da cidade, desapropriando terras à beira da linha do trem. Por aqui, os terrenos impróprios para morar foram arrendados a lavradores e donos de chácara portugueses. Logo, eles começaram a produzir e a comercializar seus produtos no espaço onde atualmente fica a quadra da Escola de Samba Império Serrano. O lugar ficou conhecido como Mercado de Madureira.

Anuncie aqui

Políticos das mais diversas matizes e procedências no Mercado

No mercado fundado por Juscelino Kubistchek, políticos sempre são bem-vindos. Sempre houve pelos corredores dezenas de personalidades, que ainda hoje vagueiam pelas galerias em tempo de eleição. Fernando Gabeira disse em seu blog que “visitar o Mercado de Madureira é garantia de contato direto com os eleitores”.

Esse foi o caso de velhos conhecidos como Domingos Brazão, Luiz Paulo e outros menos ortodoxos. A dupla do tetra, Bebeto e Romário, que se candidatou a cargos no pleito de 2010, passou por aqui. Isso sem falar no defensor da causa gay e ex-big brother Jean Willis que também militou por essas bandas. Num exemplo máximo de tolerância ideológica, o mesmo espaço recebeu o candidato evangélico Samuel Malafaia.





Festa de iemanjá

Festa mobiliza comunidade nos fins de anos

29 de dezembro. Todos de branco, numa enorme procissão de paz. A Festa de Iemanjá é organizada há sete anos pelo Mercado de Madureira. Durante todo mês de dezembro, um enorme barco é montado e recebe pedidos e oferendas. Alimentos são arrecadados e distribuídos entre instituições de caridades das redondezas, em troca de camisetas do evento. A imagem de 1,80m com vestido azul e coberta de contas vai ornada de flores até a orla de Copacabana.

No dia, os ogans tocam e ouvem-se os cânticos antes da partida. Às 14h, os Filhos de Gandhi retiram das ofertas do mercado. A procissão sai às 15h, com um caminhão, ônibus e carros enfileirados, sempre acompanhada por uma ambulância e por batedores da Guarda Municipal. Na praia, após os rituais, libertam-se pombos brancos que simbolizam paz entre os homens e todas as religiões.

Morar bem

O Edifício Colima com seus 48 imóveis com as características descritas fica sobre o maior mercado popular do Brasil. O valor de compra dos apartamentos se equipara ao de alguns próximos a Ladeira dos Tabajaras em Copacabana. O aluguel custa em média, 400 reais. Num logradouro servido por 15 linhas de ônibus para os mais diversos cantos da cidade, a compra pode ser um ótimo investimento. Difícil é imaginar como é morar ali, mas quem lá for buscar um teto vai se surpreender: não há vagas. Com todos os apartamentos preenchidos, o condomínio só não tem uma vista das melhores, aos pés do morro São José. Vai encarar?

Calculoucos

Mercadão vs. O maior shopping do Rio

Exatos 6,9 quilômetros separam o Mercadão do maior shopping da cidade, o Norteshopping. Porém, em termos práticos, os dois estão bem mais próximos. As 600 lojas espalhadas pelos 8 mil metros quadrados do Vovô de Madureira contrastam com as 343 que ocupam os 245 mil do Garotão do Cachambi. Apesar de bem mais moderno e amplo, o shopping de 24 anos não chama mais público que o velho centro comercial suburbano. Os dois centros compartilham a média diária de 80 mil consumidores em seus corredores, numa curiosa e populosa coincidência.



entrevista com o cyber punk

Um dos maiores especialistas em ficção científica do Brasil, o escritor e dramaturgo Fabio Fernandes discute o futuro do gênero

Romeu Martins

Você está na ativa produzindo textos literários, tanto em prosa quanto em verso e obras teatrais, desde meados da década de 1980. Em um balanço rápido: já foram quantas peças escritas e encenadas; quantos livros lançados; quantas traduções de romances e de contos publicadas e de quantos autores diferentes; quantos prêmios recebidos nestas primeiras duas décadas?

Nunca parei para fazer uma contagem exata: crashes em discos rígidos de vários computadores e a perda lamentável de impressos de alguns textos foram em parte responsáveis por isso. Mas creio que é mais ou menos o seguinte: tenho três peças de teatro (*Polêmicas*, de 1985, peça de três esquetes que ganhou um prêmio em 1986 e que teve um de seus esquetes reescrito em 1998, tornando-se a peça *Vestidos brancos*, encenada no Rio de Janeiro sob a direção de Luiz Armando Queiroz; *Com açúcar, sem afeto*, monólogo cômico encenado por mim mesmo e dirigido por Anja Bittencourt; e *Ao fim do longo inverno*, ainda inédita. Esta última peça é a única que tem uma temática de ficção científica (inverno nuclear), e foi adaptada para o cinema por mim, Anselmo Vasconcellos e Marco Schiavon, para ser dirigida por Emiliano Ribeiro (*As meninas*). Esse filme está na fase de captação de recursos.

Livros: apenas o *Interface com o vampiro*, em 2000 e, mais recentemente, minha dissertação de mestrado, *A construção do imaginário cyber* (2006) [nota: após a realização desta entrevista, Fabio Fernandes lançou pela Tarja Editorial o livro *Os dias da peste* (2009), ampliando o universo apresentado em alguns contos do ebook *Interface com o vampiro*]. Tenho uma coletânea de microcontos completa, o *Pequeno dicionário de arquétipos de massa*, composto de contos escritos entre 1998 e 2003, e que, embora tenha tido vários contos publicados em várias revistas (inclusive as brasileiras *Cult*, *Et Cetera* e *Ficções* e a portuguesa *Periférica*) e sites (como o Overmundo), tem sido sistematicamente recusada por editoras. Publiquei vários contos em co-

letâneas e uma novela meio em formato fanzine, *A revanche da ampulheta*. *Interface e Revanche* ganharam dois prêmios Argos, concedidos pela Sociedade Brasileira de Arte Fantástica.

Traduções: algo entre 60 e 70, mas realmente não tenho a conta, até porque alguns desses livros (como *Bird lives*, uma biografia de Charlie Parker) nunca foram publicados. Contos, entre 20 e 30, todos para a extinta *Isaac Asimov Magazine*, entre 1989 e 1991. Autores, muitos e variados, de Kurt Vonnegut e Gore Vidal até William Gibson e Philip K. Dick, passando por nomes menos conhecidos dos brasileiros como George R. R. Martin e Frederik Pohl. Neste momento, estou terminando a tradução de *Snow crash*, de Neal Stephenson, um autor pós-cyber que ainda não é conhecido do grande público, mas que é o responsável pela introdução do termo “avatar” no jargão internético e cujo Metaverso ficcional serviu de inspiração para o Second Life [nota: o livro foi publicado pela editora Aleph com o título em português de *Nevasca* (2008)].

***Interface com o vampiro*, o livro que você acaba de tornar disponível na internet, segue o caminho de flexibilização dos direitos autorais do copyleft. A obra teve uma encarnação anterior, também eletrônica, porém o acesso era cobrado e intermediado por uma antiga editora virtual. Mas, antes disso ainda, alguns dos contos já haviam saído impressos na década de 90 em fanzines. Ou seja, seu livro passou por praticamente todas as fases de uma revolução no acesso ao conhecimento. Qual é o futuro que você imagina para a indústria editorial e para os escritores, principalmente os ligados à literatura de gênero, como fantasia e ficção científica?**

Toda previsão em termos de tecnologia é perigosa, e não pode ser levada a sério – talvez por isso gostemos tanto da ficção científica, que é um território de experimentações onde podemos deixar a imaginação correr solta. A experiência com a editora digital não foi boa, porque acho que esse sistema já nasceu falho: se todo mundo pode baixar uma imensa quantidade de conteúdo

de graça, por que é que vai se dar ao trabalho de pagar o que seja (e lembro que, na época, o livro custava 18 ou 20 reais, o que ainda é muito caro) por um PDF? Por melhor que seja o conteúdo, não vale tanto. O interessante é que, pouco depois do lançamento do livro, entrei no mundo dos blogs – e percebi que a maioria dos blogueiros queria era, no fundo, publicar livros de papel! Ou seja, ainda não nos libertamos do papel. Mas eu não acho isso ruim, porque a literatura é uma mídia cujo melhor suporte ainda é o papel. Quando ela sai do papel, ou vira hipermídia ou game – até porque, se não virar, fica muito chata e malfeita – ou dá a sensação de que foi subaproveitada. Cheguei a pensar em fazer hipermídia há algum tempo, mas sei que ainda não explorei todas as possibilidades que as palavras têm para oferecer no simples suporte bidimensional do papel. Basta vermos o que tem sido lançado em literatura brasileira. O que tivemos de realmente revolucionário depois de Guimarães Rosa e de Paulo Leminski? Ainda existe muito chão, e, como disse Antero de Quental, é ideal ocupar estes espaços.

Quem lê *Um diário dos dias de peste* e *Interface com o vampiro* pode imaginar que se depa-rou com um expert em informática. A impressão se fortalece pelo fato de você ter se formado como técnico em eletrônica antes de cursar Jornalismo. Mas consta que sua experiência real com hardware não é bem assim, tanto que chegou a receber um apelido de um colega escritor de FC, Braúlio Tavares, para expressar a falta de jeito: *cybergeist* (literalmente, cyberespírito, mas também pode ser compreendido como “poltergeist cibernético”). O resultado prático dos textos citados são a prova da importância da pesquisa para todo escritor de FC que pretenda publicar algo mais hard, mais ligado ao mundo das ciências exatas e da tecnologia aplicada?

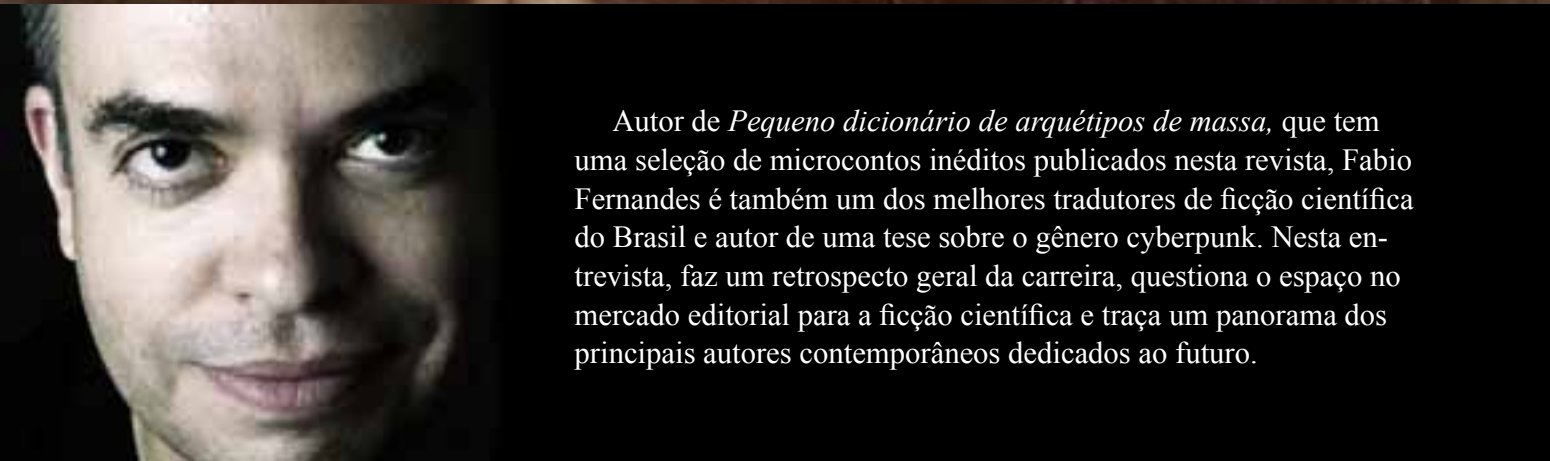
Na verdade, eu até que aprendi um pouquinho de informática, o suficiente para não fazer mais

jus ao grande e elogioso apelido do Braúlio. Mas na época, eu realmente pouco entendia do assunto: inclusive me identifiquei muito com o Gibson quando ele descreve suas reações ao usar seu primeiro computador para escrever *Count Zero* (porque *Neuromancer* foi escrito em máquina de escrever).

Como tradutor, aprendi uma coisa que me ajudou e me ajuda muito na hora de escrever meus próprios textos: é muito importante pesquisar e aprender os termos corretos do que você vai traduzir – mas tão importante quanto, ou talvez mais, é conhecer bem seu próprio idioma, para que o texto pareça ter sido escrito por um brasileiro. Ao escrever uma história que exija pesquisa, mais importante que entender os mínimos detalhes do assunto é trabalhar bem a história, a linguagem e os personagens, para que a narrativa flua como se você estivesse, por exemplo, ouvindo alguém contar uma história que aconteceu de verdade. Quando você está numa roda de amigos ouvindo uma história verídica, os detalhes podem até ser fundamentais para você entender o que se passou, mas a maneira de contar é mais importante, porque se a história for boa mas o narrador for chato, não rola, não dá liga. Acho que, primeiro, o escritor de FC precisa ler muita literatura brasileira, de todo tipo, de Machado de Assis a Ana Maria Gonçalves, passando por Clarice Lispector, Jorge Amado, Paulo Leminski, Nelson Rodrigues, enfim, é um universo incrível e maravilhoso. Agora, se esse candidato a escritor for daquele que só curte ler FC, então é bom nem começar, porque não vai sair um bom trabalho.

Borges parece ser uma referência clara em seus textos mais voltados ao fantástico. Que outros autores fizeram e fazem parte da sua lista de influências assumidas? Entre eles todos, qual a importância de William Gibson, o criador da cultura cyberpunk e que chegou a ser tema de sua pesquisa na pós-graduação?

São muitos autores. Sempre gostei de ler de tudo.



Autor de *Pequeno dicionário de arquétipos de massa*, que tem uma seleção de microcontos inéditos publicados nesta revista, Fabio Fernandes é também um dos melhores tradutores de ficção científica do Brasil e autor de uma tese sobre o gênero cyberpunk. Nesta entrevista, faz um retrospecto geral da carreira, questiona o espaço no mercado editorial para a ficção científica e traça um panorama dos principais autores contemporâneos dedicados ao futuro.

Uma lista rápida, pensada de cabeça, sem ordem de importância: Borges, Cortázar, Thomas Pynchon, Donald Barthelme, William Gibson, Alastair Reynolds, David Zindell, Gene Wolfe, Machado, José de Alencar, Martins Pena, Marçal Aquino, Clarice, Jorge Amado, Osman Lins, Guimarães Rosa, Erico Veríssimo, Luis Fernando Veríssimo, e.e.cummings, Sylvia Plath, John Donne, Paulo Leminski, Yeats, Graciliano Ramos, Nelson Rodrigues, Martins Pena, Campos de Carvalho, Patricia Melo, Rubem Fonseca.

Sobre Gibson: a leitura dele, em 1989, foi um divisor de águas na minha cabeça. Eu já gostava muito de FC, mas até então eu era meio que um nerd, um legítimo nerd que, apesar de já ler bastante coisa em inglês e de curtir muita coisa que não era lida no Brasil, não entendia a FC como algo que pudesse ser realmente revolucionário. Claro, já existia a *New Wave* britânica, mas eu só fui ler esse pessoal depois de ler os cyberpunks. Eu me identifiquei de cara com a atitude punk sem deixar de ser inteligente: era possível ser um nerd punk sem ser um geek, era possível fazer algo que não se limitasse a robôs e espaçonaves (coisa que, aliás, a leitura dos cyberpunks me travou para fazer; confesso que sempre quis escrever uma space opera ambientada no futuro distante, mas nunca vi futuro para isso no Brasil e não sei se vou conseguir escrever isso algum dia).

Quanto ao seu relacionamento com a academia, como a produção de escritores de FC, nacionais e internacionais, é encarada hoje no mundo acadêmico brasileiro? Você teve alguma dificuldade em propor seu tema para dissertação de mestrado na universidade e, principalmente, em encontrar outros pesquisadores para orientá-lo e para participar de sua banca?

Felizmente, não tive nenhuma dificuldade. Gibson e Stephenson são escritores lidos na academia, pelo menos no círculo de acadêmicos

que estuda novas tecnologias. Minha orientadora de mestrado, a net artist Giselle Beiguelman, me deu muito apoio para escrever sobre Gibson. Não encontrei nenhuma dificuldade, pelo contrário: antes de mim, já trilharam essa seara pesquisadores incríveis, como Gilberto Prado, André Lemos e Adriana Amaral, com os quais tenho o prazer de travar ótimos diálogos. E, pelo que pude conferir a partir da publicação da minha dissertação, vem mais gente por aí com material interessante para discutir FC. Na minha tese de doutorado, continuo um pouco desse diálogo com a FC, mas não tratando especificamente do Gibson, e sim autores que exploraram a questão do pós-humano no futuro de diferentes maneiras, como Arthur C. Clarke, Stanislaw Lem, Richard K. Morgan, H.G. Wells e mais alguns.

Você acompanha o que vem sendo escrito atualmente em termos de FC no Brasil?

Infelizmente, não tenho acompanhado a produção atual. Parei na época da Intempol, porque foi justamente quando optei conscientemente por fazer uma espécie de “sabático” de ficção científica brasileira, basicamente porque eu precisava me aprofundar nos cyberpunks e em William Gibson para o mestrado.

Praticamente não escrevi FC nesse período: o que fiz foi terminar o *Pequeno dicionário* e batalhar pela sua publicação em revistas e como livro em editoras. Atualmente estou dando aulas e traduzindo. Tive de mudar o eixo das minhas leituras de forma radical, o que inviabilizou um contato com publicações independentes.

--

Publicado originalmente em 2007, este texto faz parte de um projeto chamado Ponto de Convergência, que pretende traçar um panorama da ficção científica nacional através de resenhas de livros significativos lançados ao longo da última década e de entrevistas com seus autores.



Pequeno
Dicionário de

Arquétipos de Massa





Fadas

(da série Pequeno Dicionário de Arquétipos de Massa)

A fada dança.

A pista de dança está lotada mas assim mesmo a fada se destaca. Os braços finos que balançam, o corpo que se move suave, as asas invisíveis desenhando arabescos estroboscópicos.

A fada é linda.

Fadas não têm consistência. Fadas têm leveza. Fadas não tem certeza.

Fadas são foda – e o que importa se o clichê é velho? Fadas são sempre novas.

A fada está linda, linda assim toda moantada.

E daí se a fada é um símbolo? E daí se a fada não tem sexo, ou por outra, e daí se a fada tem sexo sim e não é segredo para ninguém qual, mas esse mistério estará sempre lá mesmo assim.

A fada seduz você. Porque a fada é tudo aquilo que você quer ter mas não pode. Não pode? Não fode, vá lá e tire a fada para dançar.

Frankenstein

(da série Pequeno Dicionário de Arquétipos de Massa)

Um dia a mulher viu a primeira ruga.

Não era exatamente uma ruga, mas um pé-de-galinha. Mas a vaidade não vê a diferença.

Marcou com o cirurgião plástico. Que sugeriu um lifting.

A primeira vez ninguém esquece. Ainda mais quando dói. E dói muito.

Quando ela retira os curativos e o inchaço passa, ela se sente outra. Mas sabe

que é exagero: está apenas, digamos, melhorada. O rosto está ótimo.

Menos os lábios. Porque agora a mulher repara nos lábios. Finos

demais, consequência da idade, dizem as amigas.

O cirurgião aplica enzimas. Os lábios incham, ficam gulosos. Ela acha sensual.

Mas a barriga. A barriga.

Maldita gordura.

Lipo-aspiração.

Cut and paste. Connect e cut.

O processo dura um dia inteiro, a dor dura semanas. A satisfação – dizem – dura anos.

Até a próxima ruga.

(Volte à primeira linha e comece tudo de novo. No mínimo três vezes.)

Hoje ela sorri. Apenas sorri. Não consegue fazer outra coisa com os músculos do rosto.



Lobisomens

(da série Pequeno Dicionário de Arquétipos de Massa)

Eles aparecem quando você menos espera. Estão sempre com pressa, mas você jamais saberá o motivo. Porque você é a vítima.

Escolha o modo: agressão verbal, uma cotovelada, um empurrão. Não raro

um soco ou chute. Às vezes – em geral no trânsito – uma bala.

Diversas definições explicam o comportamento deles, segundo os estudiosos. Estresse, frustrações, abuso na infância. Você não chega a fazer uma análise tão profunda. Ainda mais porque é atacado por eles quase todo dia.

Normalmente eles não atacam suas vítimas de modo direto. O procedimento-padrão é passar

por cima de qualquer um que esteja à frente deles, custe o que custar. Atropelamentos,

ferimentos e eventuais mortes são consideradas apenas casualidades.

Mas quando são apanhados, lamuriam-se e dizem “eu não queria ter feito isso, foi sem querer”, ou

ainda “eu não me lembro de ter feito isso, não sei o que deu em mim”. Há quem acredite.

O que não elimina o perigo, que está em toda parte.

E quem não for um deles certamente será uma vítima.

Vampiros

(da série Pequeno Dicionário de Arquétipos de Massa)

Paulo é um homem discreto, apesar da profissão. Ele é músico e toca num grupo de jazz.

Está sempre em evidência, embora nunca em primeiro plano. Isso lhe cai bem, pois ele pode

andar pelas ruas de Ipanema e do Leblon de madrugada sem que ninguém o perturbe.

Paulo gosta de caçar. Não importa sexo, cor, religião: basta que seus olhosousem sobre a

vítima e um arrepio sutil percorra seu corpo, da base da nuca até a virilha, e pronto. Ele joga seu

charme, sempre da maneira mais adequada para o caso. Quase sempre consegue, e é nisso que

reside o perigo, pois Paulo conhece bem o velho ditado árabe que diz “Cuidado com o que você

procura, pois pode conseguir.” Às vezes Paulo consegue até demais: ele se apaixona.

E então tudo é felicidade, estado de graça. Paulo se entrega à paixão. Seu parceiro do momento também,

e sempre se entrega mais (Paulo não escolhe aleatoriamente, afinal). Um dia, de repente, tão súbita quanto

no começo, a paixão se acaba. Para Paulo isso não é nada demais, ele já está acostumado: turnês na

estrada, viagens constantes, essas coisas não ajudam um relacionamento que se pretenda duradouro.

Mas para seu parceiro da ocasião, a indiferença que Paulo afeta nesse momento é dolorosa. Essa é a

pior parte: é o tempo das brigas, das discussões, das ameaças, às vezes das agressões. Paulo sempre sai

ileso dessa fase desagradável: não se pode dizer o mesmo de seus amantes. Uma se matou, outra surtou,

um terceiro fez anos de análise. Paulo suga todos que se envolvem com eles. E depois joga fora.





criações coletivas, filmes em

de- sas- sos- se- go

Fazer um filme pode partir de uma ideia banal; um lapso de história capaz de carregar imagens e sons que, orquestrados, funcionem em conjunto. Ou pode ser também uma obra construída durante anos a fio, detalhada, narrativa, estruturada. Seja como for, é bom que se considere tanto os caminhos já abertos quanto as novas soluções que estão se cruzando na trajetória do cinema nacional, com a criação de grupos e coletivos para a produção de curtas e longas, espalhados por todo o país.

Já faz parte da história os tempos em que filmes necessariamente eram peças caras, a serem feitas vagorosamente, a duras custas e mediante diversas parcerias. O intervalo brusco que interrompeu a produção brasileira durante a era Collor e que culminou com o fechamento da Embrafilme, balançou severamente esse contexto. Mas hoje o chamado “cinema da retomada” já tem mais de uma década.

Novas possibilidades estéticas emergem no cenário brasileiro, chamando a atenção para redes compostas por grupos cearenses, mineiros e cariocas

Inês Nin

Começam a aparecer filmes capazes de destoar das referências mais evidentes do que seria uma tradição nacional. Ainda que indiscutivelmente brasileiros, mesclando referências de um mundo globalizado a histórias e modos de fazer tipicamente locais, esses filmes não fazem força para pertencerem a este ou àquele lugar; muito menos para reproduzir complexas fórmulas de produção industrial como outrora.

Com as facilidades de produzir e criar, vindas com as novas tecnologias – câmeras de vídeo digitais em alta resolução, que se aproximam em muito à qualidade da película em 35mm e que superam infinitamente em facilidade e custos de produção; câmeras de celular e diversas outras para os mais variados gostos – novas resoluções e texturas emergiram. Ao mesmo tempo, a internet despontou como fonte primeira para o acesso a um conteúdo antes restrito a festivais, locadoras e, principalmente, à remessa que o amigo do amigo trouxe da sua última viagem ao exterior.

Tudo isso torna possíveis certas experimentações e olhares. Sim, porque devido a essa enorme difusão e troca de conteúdo na web, pôde ter lugar o cultivo de filmes e diretores de linguagens diversas e oriundos de partes do mundo que não participam do mainstream cinematográfico. Marcelo Ikeda fala, não sem razão, em seu recém-lançado livro, junto com Dellani Lima, *Cinema de garagem – um inventário afetivo sobre o cinema jovem brasileiro do século XXI*, que atualmente o Ceará pode estar mais próximo de Belo Horizonte, das Filipinas ou de Taiwan que da Bahia, quando se trata de cinema.

Não são só as tecnologias, mas todo um contexto gerado por diversas mudanças conjunturais, que torna viáveis empreitadas com praticamente nenhum dinheiro, e que muitas vezes não esperam receber qualquer tipo de incentivo governamental ou de empresas. Ainda que, como toda novidade, essas formas emergentes

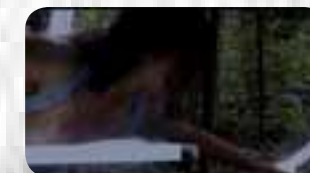
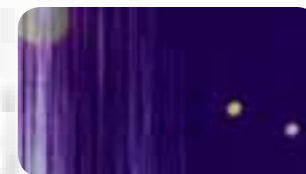
de fazer cinema ainda não demonstrem inteiramente sua sustentabilidade e não forneçam todas as respostas para o futuro, esse futuro se constrói por meio de presentes desviantes e promissores.

Como diz Cezar Migliorin em seu crucial ensaio intitulado “Por um cinema pós-industrial”, publicado na revista eletrônica *Cinética*, faz parte da lógica capitalista a estrutura de produção hierárquica, extensa e planejada em seus mínimos pormenores, em que qualquer surpresa ou variação representa um risco ou mesmo uma anormalidade, por não terem consequências passíveis de se prever.

Um novo ambiente, muito diferente deste, floresce mais fortemente desde os filmes de Karim Aïnouz, primeiro *Madame Satã* e depois *O Céu de Suely*, irrigado pelo boom de documentários. Assistimos à emergência de pequenos grupos que começam a produzir artesanalmente seus filmes, e não somente curtas, mas – e a surpresa – também longas!

Antes deles, é importante lembrar, um cinema nacional vinha se fortalecendo por outros caminhos, em grande parte pela crítica, que formou sólidos grupos atuantes por meio de revistas eletrônicas e também de cineclubes. Faz sentido pensar que essa movimentação vinda de muitos lados – universidades, cineclubes, festivais, sites e revistas de crítica e de uma crescente produção de curta-metragens, em grande parte identificada com realizadores que assinam sozinhos ou em duplas – possa ter motivado a criação de grupos ou coletivos que produzem de forma independente e colaborativa.

Um grupo de realizadores, em especial, tem chamado a atenção em festivais e mostras pelo Brasil e no exterior por sua próspera produção nos anos recentes, o Alumbramento. São cinco longas finalizados – sendo um de fato uma reunião de curtas em torno de um tema, chamado *Praia do Futuro* – e 29 curtas, feitos entre



Stills de ‘Desassossego - filme das maravilhas’ e ‘Duas Mariola’



**‘Estrada para Ythaca’,
Alumbramento**

2007 e 2011. A produtora, grupo ou coletivo Alumbramento teve origem na primeira turma do extinto projeto Escola do Audiovisual, formação com duração de dois anos promovida pela Prefeitura de Fortaleza a partir de 2006.

O curso, pensado em formato inovador, com professores diferentes trazidos a cada semana de várias partes do país, teve problemas de verbas logo no começo de 2007. Em tempos em que não havia ainda o curso de Cinema e Audiovisual na Universidade Federal do Ceará, iniciado em 2010, a ameaça de interrupção motivou uma ocupação feita pelos alunos durante duas semanas no local onde eram mi-

nistradas as aulas, de maneira a garantir que continuariam.

Findo o curso, foi formada a Alumbramento. O que de mais importante notamos naquela que mais tarde viria a se tornar uma produtora de fato, é a aparente ausência de hierarquia entre seus membros, que chamam a si mesmos de “família” e trabalham frequentemente uns nos filmes dos outros, alternando funções de acordo com o projeto. Os filmes da Alumbramento são tão diversos quanto podem ser as ideias de seus membros; não existe unidade organizada que determine uma orientação estética específica. Mesmo assim, como todo grupo de ami-

gos que se reúne em torno de ideias e vontades comuns, é possível notar semelhanças, ainda que porventura vagas, entre um filme ou outro, além de diálogos estabelecidos com os trabalhos de outros cineastas. Eles têm em comum o modo simples de produzir, o experimentar e os mesmos filmes e diretores como referência.

Outros grupos têm surgido pondo em prática formatos parecidos, como a Teia, baseada em Belo Horizonte, ou até a Duas Mariola, de Felipe Bragança e Marina Meliande, do Rio de Janeiro, ainda que nesta última o grupo de amigos – somente seis, mais alguns parceiros – mantenha em geral mais ou menos fixas as

funções de cada um dentro dos filmes.

Entre sua produção, é possível citar alguns filmes que ganharam destaque recentemente, primeiro pela Mostra de Tiradentes, em janeiro desse ano, e mais tarde na Mostra do Filme Livre, que se estendeu ao longo do mês de março. *Estrada para Ythaca*, de Guto Parente, Luiz Pretti, Pedro Diógenes e Ricardo Pretti (Alumbramento); *Desassossego – filme das maravilhas*, obra coletiva composta de fragmentos com diversos diretores, em projeto concebido por Felipe Bragança e Marina Meliande (Duas Mariola, com Teia, Blum Filmes, Alumbramento, Filmes do Caixote,

Karim Aïnouz, Gustavo Bragança, Arissas Multimídia); *O Céu sobre os ombros*, de Sérgio Borges (Teia); *Os monstros*, de Guto Parente, Luiz Pretti, Pedro Diogenes e Ricardo Pretti (Alumbramento), dentre outros, compõe esse rol bem diverso de filmes que têm ganhado atenção.

Não se pode dizer que os trabalhos abordem, diretamente, qualquer questão política evidente. Não são nem de longe panfletários e sequer tratam de assuntos grandiosamente históricos – muito pelo contrário. “Deve haver algo de sintomático de um estado das coisas nesses filmes que abandonam a construção de grandes narrativas, vontades de simbologia e preferem se recolher ao mínimo, à narração do quintal ao invés do país, nessas sinopses de uma única linha. O mundo é possível demais, múltiplo demais. Ideologias não servem, políticas não satisfazem, teorias e instituições não dão conta. Diante disso, resta se recolher às suas certezas mais acessíveis: eu, minha casa, minha rua, meus amigos e parentes”, diz Affonso Uchoa, no catálogo do *Cineclube Curta Circuito*, de Belo Horizonte. “Um cinema que, por trás de toda a ternura de suas imagens, revela um certo desalento contemporâneo: as câmeras tentam agarrar cada pequeno momento, como se, diante de tudo, só nos restasse nos abraçar, silenciosamente.”

Ofuscando a melancolia impressa nessas palavras, Felipe Bragança escreveu dois textos publicados recentemente – “Óvnis, fantasmas e cinema” (*O Globo, Caderno Prosa & Verso*, 26 de junho de 2010) e “Meu último texto de cinema”, que aparece encurtado na versão online do mesmo caderno (12 de março de 2011) – defendendo um escopo bem maior de filmes possíveis que começa a existir e ganhar espaço hoje. Para ele, ao invés de procurarmos um cinema coeso, de podermos falar em “cinema brasileiro” querendo compreendê-lo em sua integridade, ou ainda de cobrarmos dos filmes que atendam às nossas expectativas de olhares viciados, podemos procurar ver os novos “monstros” que ganham vida, ousados e imperfeitos, mas belos!

A cautela excessiva, ou, pior, a crítica que poda mais que estimula à criação, buscando os filmes “certos”, efeitos precisos e cobrando até mesmo um distanciamento histórico para que se possa falar do que vê em volta, limita mais do que expande, cobrando contenção. É louvável que se procure reconhecer os próprios pés, percorrer os próprios caminhos e encontrar confluências, formando redes que possam se diferenciar de suas antecessoras. Sem assumir para si os perigos, e sem agarrar as oportunidades de um cenário emergente, corre-se o risco de virar cinza. E nem pó: cimento, que engessa a terra fértil por baixo dos pés.





Não ponham granola no meu açai

Norte do país estranha as receitas
exóticas que o pessoal do Sul inventou
para uma de suas frutas preferidas

PauloZab

O açaí é uma palmeira do norte do país. É conhecido pelos indígenas como “içá-çai”, a fruta que chora. Sendo típico da Amazônia, espalha-se por toda a região, chegando ao Maranhão, à Guiana e à Venezuela. O principal alimento extraído do açaí é o vinho, um suco feito da casca de seus frutos. É energético e nutritivo. Esse suco tem bastante densidade e é muito apreciado pelos habitantes da região Norte, onde é consumido naturalmente com farinha de mandioca, e é usado como um acompanhamento do prato principal. Mas e no resto do país? Tem de tudo: guaraná, granola, leite condensado e até, pecado dos pecados, frutas cítricas – uma combinação que para as mães nortistas pode ser um veneno.

Um mercado formal da bebida também está em plena expansão nas grandes metrópoles do Brasil, e, como é um fruto que está na moda, desperta a minha curiosidade a forma com que as mesmas coisas são tratadas nos diversos estados. O que me causa estranheza é a forma com que o povo, em tão pouco tempo, aprendeu a consumi-lo de várias maneiras.

Hoje, quando vejo tal alimento por aí, me recordo de alguns anos em que eu ia aqui ao canto de casa na pequena Macapá comprar três litros do líquido para almoçarmos, porque é assim que aqui o produto é encontrado. Existem pequenos estabelecimentos comerciais que fazem o processo de retirada do vinho que podem ser encontrados através de bandeiras vermelhas posicionadas no canto do quarteirão e na frente dos lugares onde o açaí é vendido. Estes são chamados de amassadeiras e traba-

ham com a fruta no seu estágio original.

Só que existe uma diferença bastante pontual na forma de consumir o “petróleo da Amazônia”, é que em tempos passados era mais comum beber o vinho sem açúcar ou qualquer outra coisa. Era, como já falei, acompanhado apenas de farinha de mandioca. Esta farinha também tem suas especificidades, quem já teve a oportunidade de vê-la constatou que seus grãos são bem grandes e é chamada por alguns de “quebra-dentes”.

Outro fato interessante que observo é que aqui no Norte ela realmente é usada nas refeições, mas não como sobremesa e sim com a função de nutritivo acompanhamento, como o arroz e o feijão. É normal encontrar pessoas que ainda tomam o açaí, na hora do almoço, com peixe frito, por exemplo, ou qualquer outro alimento salgado, pois o sabor exótico se torna bem mais interessante depois que seu paladar se acostuma com a fruta.

Não é pra jogar tudo dentro do açaí! Digo isso porque tenho um amigo em São Paulo que não entendeu quando eu disse que gostava de açaí com camarão. Ao fazer a receita, ele bateu tudo no liquidificador [rsrs] quando ele só precisava descongelar a popa e colocar a farinha, preparar o camarão separado e comer.

Também me chama a atenção o uso que deram para a bebida. Enquanto aqui no Norte é tradicional se tirar uma soneca depois da refeição à base de açaí, no Sul e Sudeste ela é usada como suplemento para as pessoas que praticam exercícios físicos. Elas pegam a fruta e colocam

um montão de coisas: mel, granolas, banana e outras combinações que deixariam a minha avó de queixo caído. Olhem só esta receita:

AÇAÍ COM LARANJA (AÇAÍ TROPICAL)

Ingredientes:

- 1 polpa de açaí “Poderoso”
- 200 ml de suco de laranja
- 50 ml de xarope de guaraná
- Leite condensado a gosto

O interessante é que ela quebra um conselho que todas as nossas mães não esqueciam de nos fornecer: jamais consumir açaí com frutas cítricas, era preciso esperar um tempo para que os dois não se misturassem no estômago, pois tal combinação formaria um tipo de veneno no estômago. Agora a receita aí de cima nos mostra que boa parte do que elas falavam não passava de mito, talvez para evitar que nos tornássemos pessoas gulosas.

O que está ocorrendo com uma fruta tão nobre da Amazônia? Realmente, nesse nosso imenso país, os alimentos sofrem uma adaptação aos costumes locais. Mas isso não impede que este fenômeno se torne engraçado ou curioso para quem foi criado tomando açaí sem enfeite.





um artista de plástico

Materiais descartados são a base da obra de Marcos Cardoso, que assina a bandeira do Brasil feita com embalagens plásticas, capa do primeiro número da Revista Overmundo

Marcos Cardoso | Galeria

A imagem que honrosamente ilustra a nossa capa com a cara do Brasil é “Bandeira”, obra do artista Marcos Cardoso. Do comentário social à cultura pop, seu trabalho faz uso de materiais descartados através de uma técnica precisa, somando à materialidade dos quadros cores e referências da história da arte.

Cardoso nasceu em 7 de março de 1960, na histórica cidade de Paraty, litoral do estado do Rio de Janeiro. Graduou-se em Educação Artística na UFRJ e frequentou o ateliê de gravura da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro.

Hoje, tem trabalhos presentes em diversas coleções importantes de arte contemporânea no Brasil e no mundo. A Coleção Gilberto Chateaubriand, no MAM, Museu Nacional de Belas Artes, MAC de Niterói e Galeria Anna Maria Niemeyer à Fondation Cartier pour l'Art Contemporain são algumas delas. Atualmente, Marcos Cardoso é representado pela galeria Cosmocopa Arte Contemporânea, no Rio de Janeiro, a cidade em que vive.

Trocamos duas ou três ideias com ele, que compartilhamos abaixo:

Você pode se apresentar em poucas palavras, falar um pouco da sua trajetória?

Comecei a estudar em 1986 na Escola de Belas Artes da UFRJ. Foi o meu primeiro contato com arte. Segui trabalhando, participei de mostras nacionais e internacionais e ganhei vários prêmios. Hoje, meu trabalho figura nas principais coleções do Brasil e do exterior, como a Fundação Cartier de Paris, o MAM Rio e o MAC de Niterói, dentre outras.

Seu trabalho tem alcançado grande reconhecimento no Brasil e de alguma maneira se relaciona a culturas tipicamente locais do país. O que você diria da maneira como é vista a arte brasileira no exterior?
Não consigo observar mais arte dali ou daqui. Se é arte, é arte.

Em algumas das suas obras é feito uso de embalagens e de outros materiais que seriam em geral jogados fora. Como é essa relação com outros artistas que produziram trabalhos com características parecidas, como o Vik Muniz?

A semelhança entre alguns artistas e só coisa do tempo. Hoje sabemos que material não é o mesmo que matéria.

Quais lugares, pessoas e artistas mais te inspiram?

Minha fonte de inspiração é a emoção, o lugar dentro de mim. Além disso, artistas.

